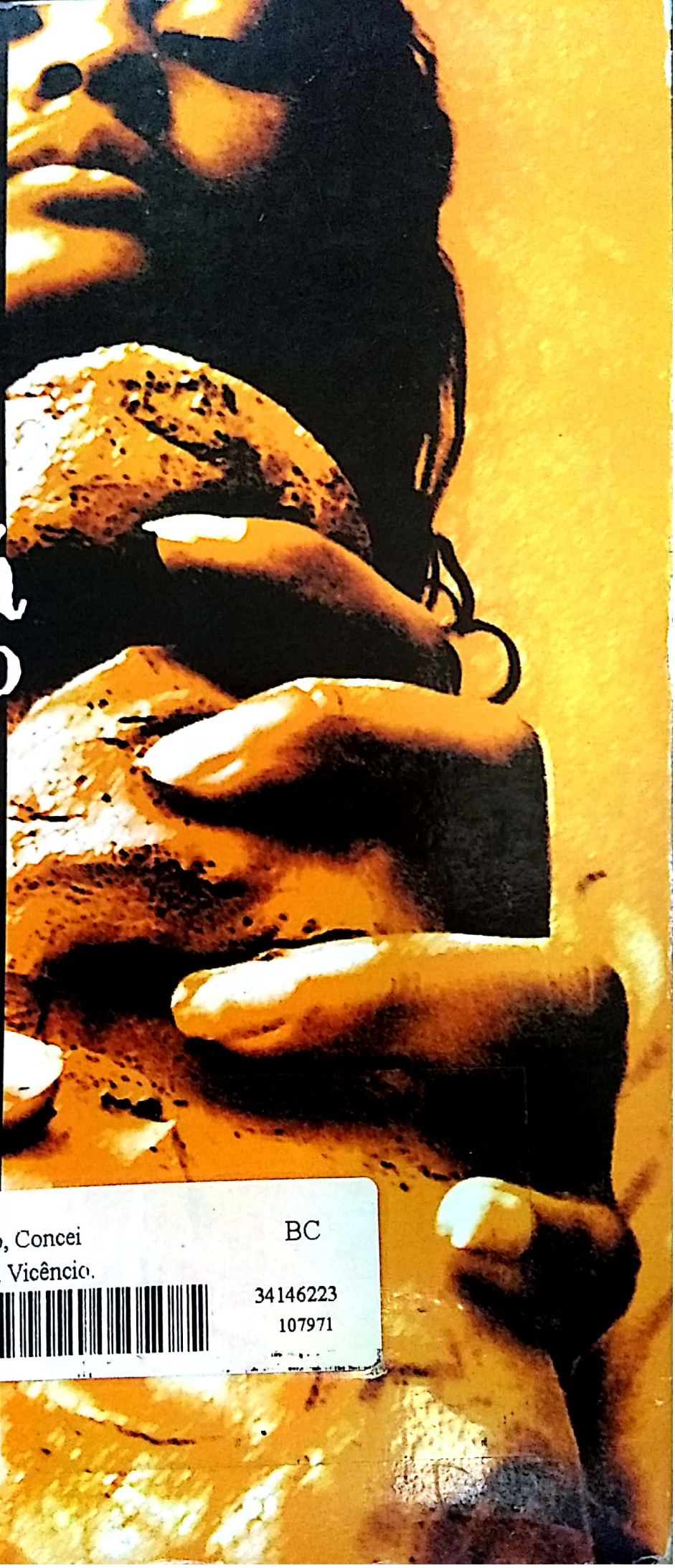
Conceição Evaristo

Ponciá Vicêncio



69.3
2p
d.

Autor: Evaristo, Concei
Titulo: Ponciá Vicêncio.

BC
34146223
107971

MAZA edições

Scanned by CamScanner

Copyright © 2003 by Conceição Evaristo
Todos os direitos reservados
2ª Edição – Novembro de 2005

Diagramação e composição eletrônica
Elizabeth Miranda

Capa
Túlio Oliveira

Revisão
Ana Emília de Carvalho

Evaristo, Conceição.
E92p Ponciá Vicêncio / Conceição Evaristo . – Belo Horizonte : Mazza Edições, 2003.
132 p. ; 14 x 21cm.

1. Romance brasileiro. I.Título.

CDD: B869.3
CDU: 869.0(81)-31

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

Mazza Edições Ltda.
Rua Bragança, 101 – Bairro Pompéia – *Telefax*: (31) 3481-0591
30280-410 Belo Horizonte – MG
e-mail: edmazza@uai.com.br
www.mazzaedicoes.com.br

Scanned by CamScanner

PREFÁCIO

A história de Ponciá Vicêncio, contada no romance de formação do mesmo nome, descreve os caminhos, as andanças, as marcas, os sonhos e os desencantos da protagonista. Conceição Evaristo traça a trajetória da personagem da infância à idade adulta, analisando seus afetos e desafetos e seu envolvimento com a família e os amigos. Discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô e estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado. Ponciá é uma pessoa que, como o avô, foi acumulando partidas e vazios até culminar numa grande ausência.

O romance explora a fundo as sucessivas perdas de Ponciá (a morte do avô, do pai, dos sete filhos, a separação da mãe e do irmão), penetrando no "apartar-se de si mesma". Analisa tal fato como uma conseqüência de grandes abalos emocionais, de profundas ausências e vazios, mas também como o resultado de fatores sociais (extrema pobreza, desamparo e injustiças sociais) que levam a situações extremamente estressantes. A história se desenvolve com complexidade, mas sem atropelos. As imagens e as emoções nos são dadas na dosagem certa, sem exageros e sem mutilações narrativas.

A repetição intencional de certas frases tem o efeito de ligar os fatos, de conectar passado e presente e de enfatizar certas facetas do mundo interior das personagens. As diversas partes do texto (cada uma enfocando um dos personagens) vão se intercalando, como peças de um jogo ou de um quebra-cabeça. As frases curtas, quase secas, o uso de poucos adjetivos e de poucas conjunções aditivas contrastam claramente com a quantidade de emoções e de sentimentos que escorrem pelas entrelinhas.

Ponciá nos arrasta consigo pelo processo de lembrar. O pai, que, a princípio, era uma vaga figura ou o avó de quem só se lembra-

Scanned by CamScanner

va do "braço cotó" ou do enterro, vão ganhando formas mais definidas à medida que a voz narrativa permite ao leitor se esgueirar com a protagonista pelos meandros da sua memória para compartilhar com ela as amargas ausências e desencontros, mas também para vivenciar com ela os seus sonhos, a sua coragem e a profunda ternura das relações familiares.

Segundo a autora, Ponciá buscava "emendar um tempo a outro", procurava "significar mutilações e ausências" e incorporar "pedaços excedentes". De modo que o tempo é de extrema importância neste romance, pois a ligação entre passado e presente torna-se o fio condutor do texto, já que Ponciá trabalha cada lembrança "como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desesperadamente nua". A voz narrativa suspende os acontecimentos e os itinerários das pessoas e vai intercalando fatos, tecendo uma trajetória ao mesmo tempo interrompida e recuperada. As relações familiares que também parecem, a princípio, distantes e tristes vão aos poucos ganhando uma dimensão maior à medida que nós, leitores, vamos conhecendo melhor as personagens e nos aprofundando no universo delas. Se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa reconstrói, que nós leitores penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um.

A ternura é a forma de redenção de quase todos os personagens. Conceição enfatiza os profundos laços de família a unir mãe e filhos, os gestos ternos e os abraços comovidos e mostra como, neste romance, a solidariedade se estende muito além das relações familiares. É a pedra de toque da amizade do soldado Nestor e de Luandi (o irmão de Ponciá) e se manifesta no carinho deste último pela prostituta Bilisa. A voz narrativa leva o leitor a compartilhar a profunda ternura que se estabelece entre o marido (também cansado, acabrunhado e sofrido) e Ponciá, quando esta se queda em si mesma.

Quase sempre este romance explora as complexidades das personagens. Raramente encontramos uma pessoa neste texto (mesmo as personagens periféricas) que possam ser categorizadas usando-se uma simplicidade dualística, ou seja, como seres meramente bons ou maus. Para cada personagem, Evaristo apresenta sempre mais de uma faceta, ou busca causas sociais, históricas e emocionais

Scanned by CamScanner

para explicar os comportamentos, fugindo sempre de conclusões apresssadas. Por exemplo, ao descrever o relacionamento de Ponciá com seu marido, jamais a descreve como uma heroína trágica ou o marido como um vilão. Ainda que Evaristo retrate com pinceladas bem reais o comportamento violento do marido, também busca explicar as razões que o levam a proceder assim. Mesmo que tal explicação não seja uma justificativa para os seus atos, serve para mostrar que ele também é uma vítima do sistema social.

Além de apresentar uma trama psicológica e emocional complexa, *Ponciá Vicêncio* retrata e analisa questões sociais e raciais, pois até mesmo o sobrenome "Vicêncio" era herança da escravidão negra. Aquele sobrenome era uma "lâmina afiada a torturar-lhe o corpo", pois havia na assinatura dela a marca do poderio do Coronel Vicêncio, "dono dos seus bisavós". O texto aborda a exploração que ainda existe na zona rural, fala do trabalho em regime de semi-escravidão, da exploração do trabalho do campo, do coronelismo, da migração do campo para as cidades, da indiferença da Igreja com os sem-casa, do trabalho das empregadas domésticas, do analfabetismo e da vida nas favelas.

Quase todo texto narrativo de Conceição enfatiza a fortaleza de espírito e de corpo das mulheres e a criatividade como uma fonte geradora de mudanças sociais. Neste romance, tanto Ponciá como a mãe trabalham o barro, fazem objetos de cerâmica para uso diário, verdadeiras obras de arte, que depois chegaram a ser expostas numa mostra. É esta arte que as distingue e que também acaba funcionando como uma ponte de ligação entre os vários membros da família, como acontece, por exemplo, na passagem em que se descreve a emoção do irmão de Ponciá ao reconhecer as peças da mãe e da irmã numa exposição de objetos de arte.

Ponciá Vicêncio é um romance que convida o(a) leitor(a) a conhecer a protagonista pelos sentidos. Revela cheiros, sabores, paisagens e a percepção da menina que escuta tudo e todos, olha, vê, sente e se emociona com o arco-íris, com as comidas, com o cheiro do café fresco e das broas de fubá e que trabalha o barro, modelando objetos de argila (como a figura do avô). Apresenta uma personagem que "escuta os passos" do passado e que se compraz com a memória rica, os laços perdidos, os afetos que se esvaíram, a sauda-

Scanned by CamScanner

de do que já se foi e a solidão do que não foi dito. A cobra (que Ponciá-menina compara com o arco-íris e que vê no fogão de barro da casa vazia do povoado em que vivera) e a casca da cobra (que o irmão e a mãe encontram na casa onde viveram) também são bastante significativas, pois unem o meio e o final ao começo da história. Quando a teia de desencontros se rompe, a marca da ausência ainda se faz presente. O estar além da realidade presente está representado pela presença do arco-íris que reaparece no final do texto.

Escrito de dentro para fora, *Ponciá Vicêncio* apresenta muitas das mesmas qualidades da poesia lúcida e insone da autora. Eu costumava dizer que a poesia de Conceição Evaristo é uma poesia de vísceras, profundamente marcada por palavras escolhidas a dedo e pelo impacto verbal e emocional que causa nos leitores. Depois de ler *Ponciá Vicêncio*, passei a crer que há uma grande proximidade entre sua poesia e prosa. Se as travessias ontológicas e hermenêuticas dos seus textos narrativos parecem mais suaves do que os que encontramos na sua poesia, tanto em um como em outro caso, os significados embutidos nas entrelinhas são bastante complexos e acabam nos remetendo às profundas buscas que as personagens fazem de si mesmas e ao questionamento do mundo ao seu redor. É muitas vezes a sutileza do que não foi dito ou explicado, ou aquilo que foi narrado apenas de soslaio que anuncia os processos de travessia emocional dos personagens e que enriquece o texto.

Há muito não lia um texto que captasse tão sinceramente os elos de ternura e afeição entre os personagens e que simultaneamente trabalhasse a linguagem de forma bastante poética, expressando tanto a ânsia de definir sua identidade num ambiente marcado pelas diferenças econômicas, sociais e raciais. Considero que, apenas nos contos de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, encontrei algo semelhante. É um romance que li de um só fôlego porque além de me prender a atenção, me tomou pelos sentidos para percorrer com Ponciá os labirintos e as vias tortuosas da memória.

Ave, palavra!

Maria José Somerlate Barbosa

University of Iowa

Scanned by CamScanner

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes, ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seinhos, que começavam a crescer. Lá estava o púbis bem plano, sem nenhuma saliência a não ser os pêlos. Ponciá sentia um alívio imenso. Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguira enganar o arco e não virara menino.

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o

Scanned by CamScanner

chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até ao céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher, que lhe correspondeu o sorriso. Quando contou sobre a mulher alta e transparente, a mãe não lhe deu atenção, mas Ponciá notou que ela se assustou um pouco. Daí a alguns dias, quando o pai chegou, ela escutou a mãe pedindo-lhe que cortasse o milharal. O pai argumentou que não era tempo de colheita ainda. A mãe insistiu. E quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia que um dia sorrira para ela entre as espigas de milho.

Naquela tarde, Ponciá Vicêncio olhava o arco-íris e sentia um certo temor. Fazia tanto tempo que ela não via a cobra celeste. Na cidade, depois de tantos anos fora da terra, até se esquecia de contemplar o céu. Entretanto, desde cedo, ao acordar com a costumeira angústia no peito, sem querer olhou o céu, como se pedisse a Deus socorro. Estava, porém, arrependida. Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. Agora sabia que não viraria homem. Por que o receio, en-

Scanned by CamScanner

tão? Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que se virasse homem, que mal teria? Relembrou-se do primeiro homem que conhecera em sua família.

Scanned by CamScanner

O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conhecera fora o avô. Guardava mais a imagem dele do que a do próprio pai. Vô Vicêncio era muito velho. Andava encurvadinho com o rosto quase no chão. Era miudinho como um graveto. Ela era menina, de colo ainda, quando ele morreu, mas se lembrava nitidamente de um detalhe: em Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado pra trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também. O pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele. Ela reteve na memória os choros misturados aos risos, o bracinho cotoco e as palavras não inteligíveis de Vô Vicêncio. Um dia ele teve uma crise de choro e riso tão profunda, tão feliz, tão amarga e desse jeito se adentrou pelo outro mundo. Ela, menina de colo, viu e sentiu o odor das velas acesas durante toda a noite. Viu o braço inteiro do velho sobre o peito. Viu o bracinho cotoco dele. Sentiu o cheiro de biscoito frito, de café fresco dado para as mulheres e as crianças que estavam fazendo quarto ao defunto. Sentiu também o cheiro de pinga que exalava da garrafinha e da boca dos homens sentados lá fora com o chapéu no colo. Ponciá Vicêncio, mesmo menina de colo ainda, nunca esqueceu o derradeiro choro e riso do avô. Nunca esqueceu que, naquela noite, ela, que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá na terras dos brancos, escutou quando ele disse

Scanned by CamScanner

para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina.

No dia em que Ponciá Vicêncio desceu do colo da mãe e começou a andar, causou uma grande surpresa. Ela, até então se recusava a assentar-se, e engatinhar, ela nunca o fizera. Um dia, a mãe com ela nos braços estava de pé junto do fogão a lenha, olhando a dança do fogo sob a panela fervente, quando a menina veio escorregando mole. Veio forçando a descida pelo colo da mãe e pondo-se de pé, começou as andanças. Surpresa maior não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que Vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam. A mãe e a madrinha benziam-se quando olhavam para Ponciá Vicêncio. Só o pai aceitava. Só ele não espantou ao ver o braço quase cotó da menina. Só ele tomou como natural a parecença dela com o pai dele.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era tempo de colheita e ele passava o tempo todo lá na fazenda.

O pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e salteado. Em qualquer lugar que visse as letras, as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto ao pai, com jeito, muito jeito. Tinha medo dos ataques dele. O

Scanned by CamScanner

braço cotoco do homem, ao bater, pesava como se fosse de ferro. Era certeiro na pancada. Atingia-lhe sempre na cabeça, provocando um gosto de sangue na boca. Perguntou e a resposta do pai foi uma gargalhada rouca de meio riso e de meio pranto. O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre.

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quieti, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos.

O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. Falava pouco e quando falava, às vezes, dizia coisas que ele não entendia. Ele perguntava e quando a resposta vinha, na maioria das vezes, complicava mais ainda o desejado diálogo dos

Scanned by CamScanner

dois. Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada.

O homem de Ponciá estava cansado, muito cansado. Sua roupa empoeirada, assim como o seu corpo, porejava pó. Ele e outros estavam pondo uma casa, antiga construção, abaixo. Tarefa difícil, cada hora era um que pegava na marreta e golpeava as paredes que resistiam. Ele se lembrava, a cada esforço, do barraco onde moravam e que flutuava ao vento. Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele.

Scanned by CamScanner

No tempo em que Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. Fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas, as visitas deles rareavam mais ainda. A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. Depois de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam então duras, fortes, custosas de quebrar.

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passados uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo os mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia com aquela menina? Primeiro andou de repente e com todo o jeito do avô... Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tão igual ao velho. Ela havia enrolado o trabalho guardando-o no fundo do caixote. E mesmo assim, parecia que lá de dentro saía ora risos-lamentos, ora choro-gargalhadas. O que fazer com

Scanned by CamScanner

a criação da filha? O que fazer com o Vô Vicêncio da filha? Sim, era ele. Igualzinho! Como a menina se lembrava dele? Ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória?

O pai de Ponciá Vicêncio olhou o homem de barro que a menina havia feito e reconheceu nele o seu próprio pai. Pegou o trabalho e examinou bem. Os olhos, a boca, as costas encurvadinhas, a magreza, o bracinho cotoco, tudo era igual, igualzinho. A boca ensaiava sorrisos, mas no rosto, a expressão era de dor. Teve a sensação de que o homem-barro fosse rir e chorar como era feitio de seu pai. Chamou a menina entregando-lhe o que era dela. Não fez nenhum gesto de aprovação ou reprovação. Aquilo era uma obra de Ponciá Vicêncio, para ela mesma. Nada que pudesse ser dado ou vendido. Voltou às costas à filha e, entre os dentes, resmungou para a mulher que não sabia por que ela se assustava tanto.

Para o pai de Ponciá, pouco se dava a menina se parecer com o pai dele ou não. Ele não parecia. Não tinha herdado nada do velho e nem queria herdar. Aliás, nem sabia se um dia tinha amado ou odiado o pai. Tivera vários sentimentos em relação ao homem. Quando menino, ainda pequeno, tivera, talvez, medo, respeito, amor. Depois de tudo, pavor, ódio, e vergonha, muita vergonha, quando o pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis. À medida que o velho piorava, começou a desejar ardentemente que ele morresse. Chegou um dia até a pensar em matá-lo. Sabia que a vida dele estava por um triz, bastava um empurrão, seria só recordar o fato. Várias

Scanned by CamScanner

vezes tentou fazer isto. Um dia, no final da tarde, pegou o pai pelos ombros, sacudiu, sacudiu, sacudiu. O homem ria e chorava desesperadamente. Entretanto, a morte não vinha. O pai de Ponciá sabia, porém, como abreviar a vida do velho. Era só trazer a atenção dele para o fato. Iniciou as perguntas, desistiu. Sabia que se fizesse o pai relembrar de tudo, se ferisse a memória dele, o homem morreria de vez. Morreria de todas as mortes, da mais profunda das mortes. Abriu a boca, novamente ensaiou as palavras. Parou. Relembrar o fato era como sorver a própria morte, era matar a si próprio também.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos lembranças, levantou-se endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi vagarosamente arrumar a comida. Olhou para ele, que se havia assentado na cama imunda, e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais. Lembrou-se, então, de quando viveu o prazer pela primeira vez. Estava com uns 11 anos talvez. Tinha acabado de passar por debaixo do arco-íris. Apavorada, deitou-se do outro lado no chão, e começou a apalpar o corpo para ver se tinha sofrido alguma modificação. Quando tocou lá entre as pernas, sentiu um ligeiro arrepio. Tocou de novo, embora sentisse medo, estava bom. Tocou mais e mais lá dentro e o prazer chegou apesar do espanto e do receio. Lá em cima a cobra celeste, com o seu corpo, curva ameaçadora, pairava sobre ela.

O grito do homem reclamando da lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio. Remexeu o feijão. O fogo dançou sob a panela como se quisesse incendiar tudo. Apesar da ida e vinda dela no tempo, em poucos instantes a janta ficou pronta. Foi até a prateleira, pegou uma lata de goiabada vazia e começou a servir a comida para ele. Da panela subia cheiro algum. Teve dúvidas se co-

Scanned by CamScanner

meria ou não. Pegou um punhado de torresmo com as pontas dos dedos, levou à boca e ficou mordiscando um. O homem comia sentado na cama, com a lata na mão. O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colherada e outra. Ela foi ao pote de barro e voltou com uma canequinha de lata cheia de água. O homem bebeu o líquido de um gole só. Abandonou a lata com um resto de comida no chão. Arrancou a camisa, a calça e de calção, que cheirava a sujo, afundou o rosto no travesseiro cheio de molambos, e em pouco tempo dormiu.

Ponciá Vicêncio correu vagarosamente os olhos pelo cômodo onde moravam. O pó avolumava-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulavam-se teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas. Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência. Fechou os olhos e relembrou a casinha de chão de barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio.Tudo ali era de barro. Panelas, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia o feijão. Ao se lembrar da mãe, sentiu um aperto no peito. O que acontecera com ela? Teria morrido? Precisava levantar algumas histórias do passado. Mas como? E o irmão? Vivera pouco com ele na infância, muito pouco, mas das raras vezes que se encontraram, gostavam tanto. Eram secos de carinhos

Scanned by CamScanner

explícitos; entretanto, mesmo sem se tocarem nem se abraçarem sequer, se amavam muito. Sabia que ele também saíra varando o mundo. Conseguira? Será que conseguira ir além? Ou estaria reduzido, pequeno, mesquinho, em um barraco qualquer, feito ela? Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio.

Scanned by CamScanner

Nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para a terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse para casa. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço. Das que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono. O pai, às vezes, discordava de tudo. Do que iria fazer naqueles dias de estadia em casa, do preço estipulado para as peças e das pessoas que ganhariam os presentes. A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia ali o que ela havia pedido e saía sem se despedir dela e da filha, puxando o filho pela mão. A mãe, da soleira da porta, abençoava o filho e desejava em voz alta que eles seguissem a caminhada com Deus. Voltava depois cantarolando para o interior da casa. Ponciá Vicêncio sorria. O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que,

Scanned by CamScanner

mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também.

Por aqueles tempos, pelo interior andavam uns missionários. Um dia a notícia correu. Eles iriam demorar por ali e montariam uma escola. Quem quisesse aprender a ler, poderia ir. Ponciá Vicêncio obteve o consentimento da mãe. Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mau da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra.

Ponciá Vicêncio vencia as dificuldades. Aprendeu o abecedário, conhecia as letras em qualquer lugar. Quando o pai chegava, ficavam juntos lendo as letras na cartilha. Enquanto o saber do pai, em matéria de leitura, se estacionara no reconhecer as letras, o da menina ia além. Começou a formar as sílabas e quando já estava formando as palavras, a missão acabou. Os padres foram para outros povoados, tendo deixado os casais amigados, casados; as crianças pequenas, batizadas; as maiores tendo comungado pela primeira vez e os doentes ungidos. Doentes houve que sararam com as garrafadas de Nêngua Kainda, levantaram-se da cama e tempos de vida tiveram para pecar outras vezes.

Scanned by CamScanner

Quando os padres partiram, depois de terem cumprido todos os seus ofícios, Ponciá logo percebeu que não podia ficar esperando por eles para aumentar o seu saber. Foi avançando sozinha e pertinaz pelas folhas da cartilha. E em poucos meses já sabia ler.

Scanned by CamScanner

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono.

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela se

Scanned by CamScanner

parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio.

Scanned by CamScanner

Quando o pai de Ponciá Vicêncio morreu, o susto dela, no momento, talvez tivesse sido maior que a dor. Semanas antes ele tinha estado em casa capinando o mato que teimava em crescer em volta, servindo de esconderijo para as cobras. Havia levado também os barros que a mulher trabalhara para vender. Saíra de casa bem e se não fosse a ausência que sofria, embora nunca reclamasse, da mulher e da filha, poderia dizer que partira quase feliz. O pai de Ponciá não era dado a muitos risos, caladão, quieto, guardava para si os sentimentos. Quando menino, não. Apesar dos mandos do sinhozinho e da aparente obediência cega, que era obrigado a demonstrar, ele revelava as suas tristezas com imensas lágrimas, assim como gritava alto os seus risos. Entretanto, foi crescendo e aprendendo a disfarçar o que lá de dentro vinha. Não chorava e também guardava o riso. E o máximo que fazia, se descontente estava, era resmungar, mas tão baixinho e com os lábios tão cerrados, que os resmungos caíam para si próprio, numa discordância funda e nula.

E numa tarde clara, em que o sol cozinhava a terra e os homens trabalhavam na colheita, enquanto todos entoavam cantigas ritmadas com o movimento do corpo na função do trabalho, naquela tarde, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se

Scanned by CamScanner

deu. Os companheiros, entretidos na lida, não perceberam. E só momentos depois, no meio da toada, escutaram um tom, um acento diferente. Eram os soluços do irmão de Ponciá deitado sobre o corpo do pai, que estava de bruços, emborcado no chão. Dias, quase um mês após, foi que o menino tomou coragem de ir a casa e contar à mãe e à irmã o sucedido. A mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. Abraçou o menino e depois, lenta e solenemente, abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém. Não perguntou nada. Sabia de tudo. Naqueles dias sonhara várias vezes com o seu homem. Só não conseguia ver o rosto dele. Ora ele estava de costas, ora com o chapéu tão afundado na cabeça que chegava a lhe cobrir a face. E numa tarde, em que o tempo estava claro e quente, ela escutou cantigas, choros e lamentos. Nos lamentos reconheceu a voz do filho.

Mãe e filho vieram andando de mãos dadas. Depois que o filho crescera, este era o primeiro gesto rasgado de carinho da mãe. Ela apertava a mão do filho, como se tivesse medo de ele fugir também. Chamou a menina e disse-lhe que o pai não voltaria mais. Ele havia feito a grande viagem. Ponciá, primeiro, experimentou um sentimento de raiva. Como o pai poderia ter feito aquilo? Ela conhecia pessoas que tinham feito a derradeira viagem, mas que ficavam muito tempo fazendo a despedida. Experimentavam antes as garrafadas de Nêngua Kainda. E só depois de todos se acostumarem com a idéia da partida e elas próprias também, é que se despediam. Ponciá ficou muito tempo, anos talvez, esperando que o pai pudesse surgir, retornar a qualquer hora e por qualquer

Scanned by CamScanner

motivo. A mãe, talvez, partilhasse desta mesma sensação, pois sempre conservou as coisas do homem no mesmo lugar. E nos dias em que o filho regressava do trabalho, ela esperava por ele na soleira da porta e depois que o abençoava, caminhava para frente cinco passos e com um gesto longo e firme abraçava o vazio. A mulher não acreditava que seu homem tivesse apartado de vez.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer, também não tinha ainda. O homem gostava de dizer que ela era pancada da idéia. Seria? Seria! Às vezes, se sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e de nada.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova.E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no

Scanned by CamScanner

nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia.

Scanned by CamScanner

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregara no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, Ponciá não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar pra trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis. Ponciá tinha, então, 19 anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminhou firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo.

A primeira impressão sentida por Ponciá Vicêncio no interior da igreja foi de que os santos fossem de verdade. Eram grandes como as pessoas. Estavam limpos e penteados. Pareciam até que tinham sido banhados. Eles deveriam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo onde ela havia nascido. Os de lá eram minguadinhos e malvestidos como todo mundo. Quando

Scanned by CamScanner

as luzes das velas iluminavam os rostos deles, podia-se ver que eles tinham o olhar aflito, desesperado, como os pecadores ali postados em ladainha. Os santos daquela catedral, não! Eram calmos. Ponciá olhou as pessoas ao redor. Combinavam com os santos, limpas e com terços brilhantes nas mãos. Lembrou-se do seu. As contas eram de lágrimas de Maria. E com um movimento rápido tirou as contas escuras, protetoras de seu corpo, do pescoço. Não teve coragem de debulhar o rosário em público e o enfiou bem lá no fundo da trouxa. Ajoelhou-se tentando rezar a Ave-Maria.

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino.

Ponciá deixara a mãe triste, sozinha. Acabrunhada, ela reclamou da saudade que ia sentir da filha, quando a moça lhe falou da inesperada decisão de partir. Advertiu-lhe ainda do que seria o viver na cidade. Ponciá tentava consolar a mãe dizendo que um dia voltaria para buscá-la e ao irmão também. E que, juntos, todos seriam felizes.

Ponciá Vicêncio não entendia por que no povoado as pessoas temiam tanto a cidade. Algumas pessoas saíam e ficavam bem; entretanto, eles só relembravam, só repetiam os casos infelizes, as histórias de fracasso. Viviam

Scanned by CamScanner

contando o acontecido com Maria Pia. A moça havia se contaminado com uma doença do filho do patrão. O rapaz estava mau e falou de amor com ela. Ele queria, ela queria. Não precisava de ninguém saber, principalmente os pais deles. Podia ser ali mesmo, no quarto dela, nos fundos da cozinha. E o Raimundo Pequeno? Enganou-se com os amigos, crendo neles e seduzido pelo dinheiro que chegava tão rápido, aceitou vender tudo o que eles traziam. Chegou até a levar algumas coisas para a roça. Tudo muito bonito. Cortes de fazenda, enxoval, roupas, relógios, bolsas e até um rádio. Soube-se depois que os amigos de Raimundo fugiram e ele havia sido preso.

Outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada. Perdiam o pouco que tinham e ali mesmo viraram mendigos. Outros não conseguiam trabalho ou ganhavam pouquíssimo e não tinham como viver. A vida se tornava pior do que na roça. Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse tido um final feliz. Não lembrou. Esforçou mais e não atinou com nenhum. Não esmoreceu. Relembram tanto, falavam tanto daqueles casos tristes, que até ela só se lembrava deles. Não tinha importância. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio tentava rezar a Ave-Maria. A claridade da igreja, a música bonita que cantavam lá em cima, a roupa limpinha do padre, a beleza dos santos e as mulheres tão bem vestidas que estavam ao lado dela, tudo isso a distraia. Começou a oração várias vezes, se perdendo sempre no meio das palavras. Ficou muito tempo dentro da igreja. Era tudo tão belo. Deus bem que deveria gostar de todo aquele luxo.

Aos poucos o som do coro foi diminuindo. As pessoas saindo e as luzes se apagando. Ao dar por si, a igreja estava quase vazia, uma pessoa ali, outra acolá. Tentou concentrar-se de novo na oração. Fechou os olhos e conseguiu terminar de rezar a Ave-Maria. Quando acabou, sabia que devia fazer alguma coisa. Sair da igreja e buscar onde dormir. Só então se assustou com a coragem que tivera. Resolvera tudo tão rápido. Havia arrumado suas poucas coisas de sopetão e, num repente, comunicou logo a mãe a decisão de partir. Tinha de ser breve, muito breve. Não podia ficar ensaiando despedidas. O trem partiria no outro dia cedo. Se perdesse aquele, só daí a alguns tantos dias, quase um mês. Deixava um abraço para o irmão, não poderia ir às terras dos brancos procurar por ele.

A mãe de Ponciá olhou meio incrédula para a moça, ao ouvir a filha falar da decisão de partir. Por que uma ida tão repentina, como um gesto de quase fuga? Ponciá

Scanned by CamScanner

não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus. Agora na cidade, sozinha, para onde deveria ir? O que deveria fazer? Já perdera muito tempo contemplando cada detalhe da fé externada naquela casa de Deus. Escutou o barulho de portas pesadas se movimentando. Era o sacristão que fechava a igreja. Confusa, saiu sem saber que rumo tomar.

Scanned by CamScanner

A primeira noite de Ponciá Vicêncio na cidade acabou sendo ali mesmo na porta da igreja. Viu o sacristão fechar a porta. O moço também a viu abraçada à trouxa de seus poucos pertences. Quis pedir alguma informação, perguntar pelo padre e pedir a caridade de algum alimento e de um gole d água, mas não teve coragem.

Algumas vezes, ela já havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha. Sentia frio e medo. Aos poucos foram chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos, apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais e sentiu um calafrio. Lembrou-se dos santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira. Reviu o chão liso, brilhante, quase escorregadio da igreja. Olhou novamente para os lados, todos calmos, muitos até dormindo. Ela abriu a trouxa, tirou o terço de lágrimas de Nossa Senhora, beijando respeitosamente as contas escuras que se diluíam na cor mesma da noite, benzeu-se e começou a rezar a Ave-Maria.

A noite passou lenta e friorenta. Ponciá escutou todas as badaladas do sino da igreja e assustou-se com todas. Ficou relembrando a sua infância, os casos da roça, os fatos de vida e de morte. Lembrou-se da mulher alta,

Scanned by CamScanner

transparente e vazia que tinha sorrido para ela um dia no meio do milharal. Lembrou-se do velório de Vô Vicêncio, do cheiro e da luz da vela. Lembrou-se de que sempre ouvira dizer que o avô deixara uma herança para ela. Lembrou-se do pai que saíra para trabalhar e que não voltara nunca mais. Lembrou-se ainda do trabalho que fizera no barro e que todos diziam ser o Vô Vicêncio. Apalpou a trouxa. Que pena! Havia esquecido o homem-barro em casa. Veio-lhe a lembrança do ar aflito e desesperado da mãe na hora da partida. Nesse recordar, misturou-se o rosto do irmão, que ela já não via há mais de um mês. Sentiu um peso no coração, uma tristeza funda, um mau presságio. Levantou-se aflita. Queria ir. Aonde? Sentou-se novamente. Um mendigo dormia profundamente do lado dela, mas de vez em quando se batia todo. Desejou estar no trem, estar de volta. Escondeu o rosto sobre a trouxa que estava no colo e bem baixo, quase silenciosamente, quase escondida de si própria, chorou.

Ponciá Vicêncio acordou com barulho de portas se abrindo. A casa de fé se abria para acolher os fiéis. Mulheres idosas, ainda com o ar sonolento, entravam rápidas, cada qual parecendo querer ser a primeira a cumprimentar Deus. Os mendigos, que à noite se haviam estendido pelas escadarias, se encolhiam ou se levantavam para dar passagem aos fiéis, que chegavam contritos, para assistirem à primeira missa do dia. Eram 6 horas da manhã. Muitos deles começavam a se dispersar, principalmente as crianças. Os velhos se encostavam por ali mesmo e estendiam os chapéus ou as latinhas (de goiabada vazia) onde, de vez em quando, caíam algumas moedas. Condoída da sorte deles, Ponciá catou as suas últimas moedas e ofereceu a alguns.

Scanned by CamScanner

Procurando acordar a coragem que havia adormecido sob o efeito do medo, Ponciá se dispôs a indagar às senhoras que saíam da igreja, se não estavam precisando de alguém para trabalhar. A cada cristã, a pergunta era feita de sopetão, pois poderia ser que a fala ficasse soterrada na garganta. Quando saiu a primeira, ela se aproximou rápido, mas a moça seguiu em frente, e quando Ponciá conseguiu abrir a boca, a dona já estava longe. E assim foi com outras. Decidiu, então, esperar com as palavras arrumadas. Distanciou-se da porta principal da igreja e veio se ajuntar ao grupo de pedintes que se havia destacado um pouco, para dividir alguns pedaços de pão entre eles. Escolheu uma mulher de certa idade, que se parecia com sua mãe, para poder exercitar o treino de abordagem na solicitação de trabalho. A pedinte olhou para Ponciá e sorriu, dizendo que não tinha trabalho nenhum para oferecer a moça, mas, se quisesse, poderiam pedir esmolas juntas. Era só ela fechar os olhos com cuidado, sem apertar muito e todo mundo daria uma ajuda para uma mulher tão jovem e cega. Ponciá se assustou ao imaginar a cena. Não, ela não era cega. Enxergava de olhos abertos e fechados. Desde pequena, assistia a coisas que muita gente não percebia.

Voltando para a porta principal, Ponciá se postou novamente à espreita. Assim que saiu mais uma fiel, ela avançou gaguejando e conseguiu falar de sua necessidade de arrumar trabalho. Não tinha experiência de cuidar de casas de ricos, porém sabia lidar muito bem com o barro. A moça ouviu tudo pacientemente e no final disse não estar precisando de ninguém. Desapontada, Ponciá olhou o interior da igreja. Poucas pessoas restavam, três

Scanned by CamScanner

somente, dentre elas só uma mulher, e foi nela, justo nela, que Ponciá depositou as suas últimas esperanças.

Ponciá aguardou essa última com as palavras já desgarrando dos lábios. Tinha de ser breve. Mal a dona saiu, ela lhe tocou o braço. Explicou-lhe que estava chegando à capital. Viera de trem. Aquele trem que passava no povoado de "Vila Vicêncio". Estava à procura de trabalho. A dona olhou para ela de cima a baixo. Disse não estar precisando, mas uma prima talvez estivesse. Escreveu em um pedacinho de papel o endereço e depois leu bem alto para Ponciá Vicêncio, pedindo para que ela fosse lá, ainda naquela manhã. Ponciá, antes de buscar a maneira de chegar ao endereço, leu e releu o que estava escrito no papelzinho:

"Rua Prata de Lei, nº 39, casa 7
Bairro das Alegrias".

Dobrou em seguida o escrito e guardou nos seios. Estava feliz, sabia ler.

Aos poucos, Ponciá foi-se adaptando ao trabalho. Ficou mesmo na casa da prima da moça que ela havia encontrado na igreja. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade. Nunca esqueceu o dia em que a patroa lhe pediu para que ela pegasse o *peignoir*, e atendendo prontamente o pedido, ela levou-lhe a saboneteira. Errava muito, mas ia aprendendo muito também. Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia possível e fácil.

Scanned by CamScanner

O homem de Ponciá Vicêncio remexeu-se na cama. O movimento dele foi até ao fundo do estado de torpor em que Ponciá estava entregue, despertando-a de seus pensamentos-lembranças. Ele, ao lado dela, ressonava tranqüilo, como se estivesse com a vida resolvida. Deus meu, será que o homem não desejava mais nada? Para ele bastava o barraco, a comida posta na lata de goiabada vazia? O pó, a poeira das construções civis, o gole de pinga nos finais de semana? O papo rápido com os amigos? Será que só isso bastava? Às vezes, ela percebia nele um vislumbre de tristeza. Tinha vontade então de abrir o peito, de soltar a fala, mas o homem era tão bruto, tão calado. Nem quando ela o conheceu, nem quando ela e ele sorriam e se amavam ainda, Ponciá conseguiu abrir para ele algo além do que seu corpo-pernas. Às vezes, tentava, mas ele sempre calado, silencioso, morno. Muitas vezes nem o prazer era repartido. Depois então, ela sozinha, relembrava com o pensamento e com as mãos o prazer que tinha tido um dia, quando cheia de medo e de desespero se tocou para se certificar que, após a passagem por debaixo do angorô, ainda continuava menina.

Scanned by CamScanner

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? Tentou relembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que, de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu.

Scanned by CamScanner

Acostumada a poucas coisas, Ponciá Vicêncio ia trabalhando e juntando dinheiro para comprar um barraco. Escrevia muito para a mãe e para o irmão. Como eles não sabiam escrever e nem o carteiro passava lá pelas terras dos negros, ela nunca soube se eles recebiam notícias suas. No dia em que o trem de carregamento que passava em Vila Vicêncio chegava à estação, a moça ia por lá aflita em busca de algum rosto conhecido, de algum aventureiro que tivesse chegado à cidade. Já estava há tempo fora do povoado e tinha uma saudade intensa dos que tinham ficado. Queria voltar em casa, mas como dizer para a patroa? E também havia a promessa que havia feito a si própria: só retornaria para buscar os seus.

Um dia, porém, em suas andanças pela estação, anos e anos depois, soube do acontecido. Seu irmão também saíra do povoado e tinha vindo também para a mesma cidade. Sua mãe, não querendo ficar sozinha, puxara a porta de casa, largara tudo e saíra em busca não se sabe de quê. Dos filhos, do barro...

Ponciá Vicêncio ganhou um aflitivo remorso no peito. Sim, fora ela a causadora de tudo. Saíra primeiro de casa, agora estava o irmão perdido na cidade e a mãe sem rumo lá pelo povoado. Precisava dos dois, o dinheiro que possuía já dava para começar a compra de uma casinha nas redondezas da cidade. Mas para que uma

Scanned by CamScanner

casa agora? Viveria sozinha? Não haviam sido esses os seus planos primeiros. Precisava urgentemente encontrar a mãe e o irmão. Veio, então, uma idéia, uma saída. Ia procurar a emissora de rádio local e chamar pelos dois. E, de vez em quando, ela própria escutava, em quase desespero, o seu próprio e aflito pedido para localizar os seus. Resposta alguma chegava; entretanto, Ponciá guardava a esperança de revê-los um dia.

Scanned by CamScanner

Quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado. O trem era o mesmo, com as mesmas dificuldades e desconforto. Descia-se na entrada do povoado e caminhava todo o resto, horas e horas a pé. Atravessava as terras dos brancos, viam-se terrenos e terrenos de lavouras erguidas pelos homens que ali trabalhavam longe de suas famílias. Ponciá se lembrou do pai, das ausências dele durante os longos períodos de trabalho. Atravessou, depois, as terras dos negros e apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel.

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos se regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passa-

Scanned by CamScanner

va e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela "Lei Áurea", os seus filhos, nascidos do "Ventre Livre" e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno.

Depois de andar algumas horas, Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajudavam a lavrar a terra.

A casinha de pau-a-pique de Ponciá Vicêncio continuava de pé. O tempo de chuva começava e um mato verde, ameaçador, crescia ao redor. Ela teve receio de cobra, mas seguiu adiante. Empurrou a porta, que abriu doce e lentamente, como se a casa estivesse também a aguardar por ela. O chão de barro batido continuava limpo. As vasilhas de barro que a mãe fazia estavam arrumadas na prateleira. Em cima do fogão a lenha estavam as canecas de café do pai, da mãe, dela e do irmão. Esquecidas de que a vida era outra no momento, teimosamente se postavam, como se tivessem à espera do líquido. Ponciá correu e abriu a janela de madeira. Um cheiro bom de mato, terra e chuva invadiu a casa. Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. Continuou procurando e remexendo nos objetos tão conhecidos. Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá

Scanned by CamScanner

no fundo, o homem-barro. Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo.

Ponciá Vicêncio tirou o homem-barro de dentro do baú, colocando-o em cima da mesa. Estava cansada, tinha fome, emoção e um pouco de frio. A cabeça tonteou. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Veio, então, a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma.

Quando Ponciá voltou a si, já era quase meia-noite. Quanto tempo ficara alheia? Não sabia ao certo. Chegara ali por volta do meio-dia e agora a noite já se tinha dado. Lembrou-se dos biscoitos fritos que a mãe fazia. Abriu a trouxa (semelhante a que levara quando partiu) e de lá retirou um pedaço de pão com lingüiça. Comeu a merenda desejando um líquido. Saboreou na lembrança da língua o gosto do café da mãe. Contemplou a figura do homem-barro e sentiu que ela cairia em prantos e risos.

Scanned by CamScanner

Rememorando as lágrimas-risos do avô, Ponciá se recordou de uma história contada por seu irmão, depois que o pai havia morrido. Ao contar, ele havia feito a recomendação para que ela não perguntasse nada a mãe. Era a história do braço cotó de Vô Vicêncio.

Vô Vicêncio tinha nascido um homem perfeito, com pernas e braços completos. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte.

No tempo do fato acontecido, como sempre os homens e muitas mulheres trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do "ventre livre", entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era

Scanned by CamScanner

assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu, chorando e rindo, aos sofrimentos, aos tormentos de todos. E só quando acabou de rir todos os seus loucos risos e de chorar todos os seus insanos prantos, foi que Vô Vicêncio se quedou calmo. Ponciá Vicêncio era pequena, muito pequena, criança de colo ainda.

Scanned by CamScanner

O dia clareava finalizando mais uma noite em que Ponciá Vicêncio não dormira. Deitada de olhos abertos, vigiou o noturno tempo. Contou os buracos da parede e das telhas. Reconheceu as lagartixas que brigavam na busca de aranhas e mosquitos. Distinguiu o barulho dos ratos. Ouviu os gemidos amorosos do casal do barraco ao lado.

Na manhã quase desperta, não muito longe dali, o choro de fome ou frio de uma criança invadiu repentinamente os ouvidos de Ponciá. Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia bem por que eles haviam morrido. Os cinco primeiros ela tivera em casa com a parteira Maria da Luz. A mulher chorava com ela a perda dos bebês, tão sacudidinhos, mas que não vingavam nunca. Os dois últimos ela tivera no hospital. Os médicos disseram que eles morriam por causa de uma complicação de sangue. Depois dos sete, ela nunca mais engravidou. O homem de Ponciá Vicêncio se mostrava também acabrunhado com a perda dos meninos. A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho.

Scanned by CamScanner

O homem remexeu violentamente na cama. Abriu os olhos, contemplou Ponciá e balançou a cabeça numa surda reprovação, ao perceber que ela passara mais uma noite sem qualquer dormida. Sentiu um certo mal-estar. Quis atacá-la, mas viu que ela estava tão apática, tão distante como sempre, que resolveu cutucá-la com os pés. Ponciá acordou de seu alheamento. Levantou-se parecendo desconhecer a presença dele, encheu a latinha de água, revirou as cinzas do fogão buscando a brasa que ali havia guardado da noite anterior. Ela, como nos tempos de roça ainda, mesmo com a facilidade do fósforo, preferia guardar o fogo sob as cinzas, para recomeçar o novo dia. Parou por alguns instantes perto do fogão, olhando a água fervente, sem atinar que era preciso fazer o café. O homem tossiu lá fora na fossa e ela se sentiu chamada. Preparou o coador com o restinho de pó. Um tímido cheiro da bebida ameaçou-se no ar. Um líquido ralo foi servido para ele com um pedaço de angu feito no dia anterior. Ponciá se lembrou da mãe preparando biscoitos para o pai e para o irmão, quando eles saíam para o trabalho nas terras dos brancos. Lembrou-se do cuidado com que ela arrumava os objetos de barro. Embalava tudo em folhas de bananeira e palhas secas, entregando-os depois para o homem vender lá na fazenda. Lembrou-se também de que, quando era pequena, vivia sonhando com o dia em que, grande, teria um homem e filhos. Lá estava ela agora com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz. Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela. Ele era assim mesmo. Durante todos aqueles anos, calado, do trabalho para casa, sempre na repetição do mesmo gesto.

Scanned by CamScanner

Quando estava sem trabalho algum, ficava preso dentro de casa ou em algum boteco pelas redondezas. Bebia, mas não muito. Tinha a natureza fraca, não era preciso muito para que ficasse tonto. Ultimamente andava muito bravo com ela, por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia a repetir que ela estava ficando louca. Mas de manhã quando acordava e guardava a marmita, enquanto bebia o gole ralo de café (mesmo se a latinha estivesse quase cheia de pó, a bebida era sempre rala), ele era calmo, quase doce. Ele sentia saudades da outra Ponciá Vicêncio, aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com a sua mulher. Ela que antes era feito uma formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas. O que estava acontecendo com Ponciá Vicêncio?

Nas manhãs, quando o homem de Ponciá saía para a lida diária, ela olhava para ele descendo o morro e seu coração doía. Não, ele também não estava feliz. Pensava, então, em amenizar o sofrimento dele um pouco. Poderia pelo menos tornar a casinha dos dois um lugar prazeroso de viver. Mas que prazer, onde morava o prazer? Às vezes, ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher. Naquele momento se enchia de bons propósitos. Ia criar

Scanned by CamScanner

coragem de mudar tudo. Hoje, agora! Mas, quando dava por si, nem ela mesma sabia explicar. Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro de seu recordar.

Scanned by CamScanner

No dia em que Ponciá Vicêncio retornou à terra, e ao chegar em casa, quedou-se de repente tomada por aquele profundo vazio, achou por bem passar a noite ali mesmo. Os jirais com os colchões de capim continuavam no mesmo lugar, no outro cômodo da casa, quarto onde dormiam ela e a mãe, depois da passagem do pai. O irmão, quando chegava, tinha por cama aquele que havia no canto da cozinha, perto do fogão. Lembrou-se de que, quando era pequena, ela e o irmão dormiam juntos. Depois, quando ele foi ficando maiorzinho e já acompanhava o pai no trabalho das terras dos brancos, um jirau foi armado só para ele, mas o irmão preferia o antigo. Nas ocasiões em que voltava para casa com o pai, ficava disputando o jirau do cantinho com Ponciá. O calor que emanava do fogão transmitia uma sensação de conforto e segurança. Ela se lembrou também de que o pai e a mãe ficavam conversando no outro cômodo até tarde da noite. Aliás, só se escutava a voz da mãe. Do pai só se ouvia uma resposta ecoando: hum, hum, hum... Foi naquela época que Ponciá começou a achar que homem era quase mudo. Seu irmão falava, mas parece que estava ficando mudo também. A cada retorno falava bem menos e depois que o pai se foi, era como se o encanto falante do irmão tivesse partido também. Porém, cantava muito como o pai. O homem entoava umas cantigas bonitas e o filho acompanhava sempre. Às vezes, o pai

Scanned by CamScanner

cantava uns versos e ele respondia cantando com outros. A mãe falava muito, mas gostava de cantar também.

Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e quando retornou a si, ficou apenas deitada escutando. Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá, feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão se levantando várias vezes, à noite, e urinando lá fora, perto do galinheiro. Escutou as toadas que o pai cantava. Escutou os galos cantando na madrugada, no galinheiro vazio. Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros-risos do homem-barro que ela havia feito um dia.

De manhã cedinho, Ponciá Vicêncio se levantou à procura de café. A caneca estava no lugar, em cima do fogão, porém vazia. Assustou-se. Durante a noite, ela vivera a certeza de que a casa estava habitada e cheia de vida. Possuída por essa sensação, esperou ainda um breve instante. Tinha a esperança de ver a mãe entrar com o pote de barro cheio d'água que ela fora buscar no rio.

Alguma coisa mexeu no fogão, bem debaixo da trempe, no meio das cinzas. Foi, então, que Ponciá acordou para o momento presente. Não havia fogo, não havia a brasa acesa que sua mãe guardava sob as cinzas. Uma cobra movimentou-se lentamente dentro do fogão. Ponciá olhou o bicho e não teve vontade de fazer nada. Só então percebeu que a casa estava vazia. A dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda. Olhou para a mesa de madeira e lá estava o homem-barro entre prantos e risos. Pegou o trabalho e enrolou, como fazia a mãe, em

Scanned by CamScanner

folha de bananeira e palhas secas guardando-o carinhosamente no fundo da trouxa. E na sua memória veio o dia em que Vô Vicêncio morrera. Ela era bem pequena, menina de colo ainda, e ouvira os parentes dizer que o avô havia deixado uma herança para ela.

Ponciá Vicêncio apertou a trouxa contra o peito e olhou novamente para o fogão. A cobra estava calma, enrolada lá dentro. Ponciá saiu lentamente puxando a porta devagarzinho como se não quisesse acordar ninguém. O céu estava escuro, choveria na certa. Ela não sabia por que estava indo. Só daí a quase quatro semanas, o trem passaria de volta no povoado com destino à cidade. Entretanto, ela não poderia ficar ali, em casa, sem a mãe, o pai, o irmão e até sem o avô. De noite, eles estiveram com ela o tempo todo, mas de dia, quando Ponciá percebeu, quando viu, tudo estava vazio. Não suportava viver a ausência deles, no jogo de esconde-aparece que eles estavam fazendo.

O trem que levaria Ponciá Vicêncio de volta à cidade tardaria. O que ela faria então? Poderia ficar trabalhando uns dias nas terras dos brancos. Não aprendera lavrar a terra para o plantio, mas sabia outros afazeres aprendidos na cidade. Pensou em trabalhar o barro para vender, mas teria de voltar a casa, voltar ao rio... E ela não queria. A casa era sua enquanto os outros existiam. Restava-lhe, porém, os outros membros da família por todo o povoado. Todos eram parentes por ali. Desde que os negros haviam ganho aquelas terras, ninguém tinha chegado e eles se casavam entre si. Eram parentes, talvez, desde sempre, desde lá de onde tinham saído. Ela decidiu, então, que iria rever os outros, aqueles que também eram os seus.

Scanned by CamScanner

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau-a-pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão de capim era, às vezes, cheiroso, dado ao alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. Os grandes vasilhames de barro ou ferro e os tachos onde as mulheres faziam doces permitiam imaginar farturas. As crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com os doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura. Tinham de ser rápidas. Nos tachos, ao esfriarem totalmente, em suas bordas apareciam as manchas esverdeadas de zinabre, que as mães diziam ser veneno, tingindo de desgosto a gula alegre dos filhos.

As crianças, os jovens, as mulheres, os homens, as velhas e os velhos, imagens de um passado se presentificavam aos olhos de Ponciá Vicêncio, à medida que a moça caminhava. Ela não tinha percebido que já vinha padecendo de uma saudade que era de muito e muito tempo. Ponciá gostava das pessoas velhas, mas as temia. A cabeça branca, a voz rouca, o olhar embaçado contemplando a vida refeita pelo movimento das lembranças. Ela as olhava à distância. E, depois de longa ausência pela cidade, durante o tempo de seu regresso, Ponciá se encontrou com Nêngua Kainda. A mulher, que era alta e magra, pareceu-lhe mais alta e magra ainda. Continuava ereta, apesar da idade, como uma palmeira seca. A pele do rosto, das mãos, do pescoço e dos pés descalços era enrugada como a de um maracujá maduro. Tinha o

Scanned by CamScanner

olhar vivo, enxergador de tudo. A velha pousou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha. Que fizesse o que o coração pedisse. Ir ou ficar? Só ela mesma é quem sabia, mas, para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria. Ponciá nada indagou. Nada respondeu. Pediu bênção a Nêngua Kainda e se dispôs a continuar a vida.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio, sentada no cantinho perto da janela, em seu matutar, acabou esquecendo o grande propósito com o qual se levantara naquela manhã. Tinha decidido firmemente a deixar o pensar de lado e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta nem percebeu o momento exato em que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café, e começou a buscar na memória as coisas, os fatos idos. Lembrou-se da fala de Nêngua Kainda, quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêngua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que Vô Vicêncio tinha deixado para ela seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela?

Desde pequena, ouvia dizer também que as terras que o primeiro Coronel Vicêncio tinha dado para os negros como presente de libertação eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o Coronel lhes doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que um dia o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coro-

Scanned by CamScanner

nel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos desde os passados tempos.

A família de Ponciá recebeu um papelzinho daqueles. O Coronel chamou Vô Vicêncio, que já chorava e ria. O homem levou o papel à boca prendendo entre os dentes a bondade escrita do Coronel. E ali mesmo, na presença do doador, com o braço cotoco escondido nas costas, com a outra mão com gestos rápidos e raivosos rasgou tudo. O pai de Ponciá, naquela época, era ainda moço solitário de companheiros e mulher. Ela não era nem sonho ainda... Então, qual seria a herança que Vô Vicêncio havia deixado para Ponciá e que ela ouvia dizer desde menina?

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio, quando ficou por uns dias nas terras dos negros, visitou a casa de uns e de outros. Em todas, encontrou trabalhos de barro, feitos por ela e por sua mãe. E de todas as pessoas, Ponciá ouviu a mesma observação. Ela era a pura parecença com Vô Vicêncio. Tanto o modo de andar, com o braço para trás e a mão fechada como se fosse cotó, como ainda as feições do velho que se faziam reconhecer no semblante jovem da moça. A neta, desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo. Escutou também, por diversas vezes, a história dolorosa, que ela já sabia, da morte da avó pelas mãos do avô. Relembravam o desespero e a loucura do homem. Falavam também do ódio que o pai dela tinha por Vô Vicêncio ter matado a mãe dele. Ponciá sabia dessas histórias e de outras ainda, mas ouvia tudo como se fosse pela primeira vez. Bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste para nunca mais se sentir desamparadamente nua.

Nos dias em que ficou no povoado à espera do trem, por várias vezes sentiu o vazio, a ausência de si própria. Caía meio morta, desfalecida, vivendo, porém, o mundo ao redor, mas não se situando, não se sentindo. As pessoas não se assustavam com o desfalecimento de Ponciá. Ela ia e vinha de suas ausências, nenhum pavor, nenhuma estranheza dos outros ela percebia.

Scanned by CamScanner

Quando finalmente o trem que passava em Vila Vicêncio apontou na curva e veio parando devagar, Ponciá subiu e sentou-se. Tinha os sentimentos confusos. Não queria ir, não queria ficar. Ia, a sua casa estava vazia dos vivos e dos mortos. Ao regressar, se na entrada do dia, ela tivesse percebido a mesma movimentação da noite anterior, talvez até ficasse. Tinha voltado para buscar os seus. Se eles estivessem por lá e não quisessem ir, ela teria ficado, quem sabe? Mas não encontrou ninguém. Ela só os percebeu à noite, mas, entretanto, precisava deles todo o dia, todo o sempre. Era preciso, então, continuar a viagem e descobrir onde eles tinham feito nova moradia. Tinha de encontrar os vivos e os mortos em algum lugar. Estava só, estava vazia.

A viagem lhe pareceu mais longa e mais dolorosa do que a primeira. Entretanto, já tinha trabalho garantido na cidade e havia até conseguido economizar algum dinheiro que dera de entrada na compra de uma casinha no morro. Além disso, Ponciá estava experimentando sentimentos novos. Estava enamorada por alguém que ela conhecera por aqueles tempos. Era a sua primeira vez.

Scanned by CamScanner

A pessoa por quem Ponciá Vicêncio estava enamorada era um homem que trabalhava em uma construção civil ao lado do emprego dela. Ele também estava enamorado e observara que ela era uma pessoa muito ativa. Estava sempre a lidar. Era bonita. Tinha um jeito estranho que ele não sabia bem o que era. Gostava de cantar. Tinha uma voz de ninar criança e de deixar homem feliz. Haviam conversado algumas vezes. Sabia que a moça viera da roça deixando a mãe e o irmão, pessoas que agora ela procurava tanto. Trabalhava ali e tinha uma casinha no morro. Ele gostava da tenacidade dela, de seu olhar adiante. Era uma mulher sozinha e muito mais forte do que ele. Era de uma pessoa assim que ele precisava. Ele estava também a trabalhar, só que sozinho e não conseguia nem sonhar. Ela, entretanto, figurava ser a dona dos sonhos, parecia morar em outro lugar. Às vezes, era como se o espírito dela fugisse e ficasse só o corpo. Ele respeitava, tinha medo. Não indagava nada. Depois que voltou do povoado e não soube notícias da mãe e nem do irmão, ela se tornou mais estranha ainda. Foi logo que se conheceram. Um dia a moça mostrou-lhe um homem-barro que havia feito quando criança. Trouxera agora, nesta viagem, ao vir pela primeira vez, tinha deixado o trabalho lá. Era uma criação bonita. Embora ele não tivesse tido a coragem de encarar a estátua, sentiu um arrepio quando Ponciá beijou a cabeça da

Scanned by CamScanner

cópia de alguém que ela fizera ali. Olhou de soslaio para o trabalho na mão da mulher. Como ela parecia com a imagem de barro que estava a segurar. Tinha sempre um braço para trás e a mão fechada como se fosse um cotoco. Pediu, então, a ela que guardasse a lembrança e tentou retomar o assunto de antes. Só que nem ela e nem ele se lembravam mais do que estavam dizendo. Ela ficou durante uns momentos longe, vazia, com o olhar parado, sussurrando coisas incompreensíveis. Ele quis tocar nela, perguntar, sacudir, mas teve medo, muito medo de abeirar-se de um vazio que era só dela.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão haviam sido exemplos do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela. Quantas vezes quis ouvir, por exemplo, se o dia dele tinha sido difícil, se o pequeno machucado que ele trazia na testa tinha sido causado por algum tijolo, ou mesmo saber quando começaria a nova obra. Muitas vezes quis dizer das tonturas e do desejo de comer estrelas de que era acometida todas as vezes que ficava grávida. Quis confidenciar a respeito de um medo antigo que sentia, às vezes. Quis saber se ele também sofria do mal do medo, se ele vivia também agonias. Quis que o homem lhe falasse dos sonhos, dos planos, das esperanças que ele depositava na vida. Mas ele era quase mudo. Não chorava, não ria. Desde os primeiros tempos, nos momentos em que ela se abria para ele, o homem vinha emudecido, trancado de falas, sem gesto algum dizível de nada. Enquanto que Ponciá vivia a ânsia do prazer e o desesperado desejo de encontro. E, então, um misto de raiva e desaponto tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além da pele.

Scanned by CamScanner

Ao limpar os últimos degraus da porta da delegacia, Luandi parou um pouco para permitir que o Soldado Nestor passasse. Luandi admirava o Soldado Nestor. Aquele era, para Luandi, maior que o escrivão, maior que o investigador, maior que o delegado, maior que Deus. Soldado Nestor era negro. Negro e soldado. O homem andava bonito, marchando, mesmo estando sem farda. Sabia ler. Assinava o nome de uma maneira rápida e bonita. Um dia, Soldado Nestor pediu a Luandi que fosse ao botequim ao lado. Escreveu um bilhete pedindo que lhe enviassem um maço de cigarros fiado. O dono do botequim entregou o pedido a Luandi e mandou para o Soldado Nestor um recado. Que ele viesse logo pagar as contas. Luandi guardou de lembrança o bilhete que o Soldado Nestor havia escrito. Entregou a encomenda e não repetiu o recado.

Luandi já estava na cidade há anos. Chegara sozinho. Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para trabalhar. Na roça trabalhava sempre. Se não estava semeando, estava colhendo ou arando a terra, ou ainda estocando alimentos nos armazéns da fazenda. Estava também na moenda da cana, na torrefação do café. Às vezes, carreava bois e fazia cercas. Era pau-de-toda-obra. Sabia fazer de tudo. Na cidade estava aprendendo a fazer de tudo também. Chegou ali sem eira nem beira. Tinha perdido pelo caminho o en-

Scanned by CamScanner

dereço da irmã. Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também.

A chuva incomodava Luandi. A roupa colada em seu corpo e os sapatos molhados causavam-lhe desconforto. Estava calçado pela primeira vez. Na roça sempre andara de pés no chão. As luzes dos postes querendo tapear a escuridão da noite aborrecia profundamente o moço. "Para que eu vim pra cidade?", perguntou-se entre os dentes, resmungando, como era hábito de seu pai. "Para que eu vim pra cidade?", se perguntou novamente. Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico. É, ele havia de ficar rico. Diziam que na cidade as pessoas trabalham muito, mas ficam ricas. E de trabalho Luandi não tinha medo. Pisou em uma poça d'água acabando por molhar os pés, mais ainda, e a barra da calça também. Sentiu uma pontada na boca do estômago, era fome. Enfiou a mão no bolso remexendo lá no fundo. Não havia mais nada, nem uma moedinha sequer. Encostou-se ao muro e tentou abrir a mala de papelão. Não foi preciso. A mala, toda encharcada, foi se abrindo por si mesma. O rapaz fez uma pequena trouxa com a roupa que estava ali dentro. Uma calça nova, duas camisas velhas com os punhos e o colarinho puídos (tinham sido do pai), um pedaço de fumo de rolo, palhas de cigarro e um canivete. Guardou o fumo, as palhas e o canivete no bolso, deixando o resto da mala seguir na correnteza da enxurrada. O estômago continuava remoendo o vazio. A chuva caía insistentemente. E agora? Como localizar a irmã? Na roça é só andar pelo povoado e, quando não se encontra a pessoa do nosso desejo, um ou outro apazigua a aflição da gente. Traz notícias ou leva um recado para a pessoa procurada. Mas ele sabia o que deveria fazer.

Scanned by CamScanner

No outro dia haveria de andar a cidade inteira. Tantos haviam saído da roça e estavam ali! Na certa, se não encontrasse logo Ponciá , encontraria alguém que saberia dizer do paradeiro dela.

Luandi não tinha onde passar a noite e depois de caminhar um pouco, resolveu voltar para a estação. Poderia assentar ou até deitar em uns dos bancos e esperar o dia seguinte. Foi acordado, entretanto, no meio do sono por um soldado: "O que você está fazendo aqui? Mostre os documentos? O que você faz? Você está armado?" Luandi respondeu-lhe que não tinha trabalho ainda. Não tinha documentos. Tinha acabado de chegar lá da roça. Foi, então, revistado: no bolso um canivete. Estava armado! "Por isso, é melhor você me seguir até à delegacia". Soldado Nestor pegou Luandi pelo braço e foi levando. Fazia força, apertava-lhe o braço. Um funcionário que varria a estação ficou olhando. Era negro também. Luandi se assustou, mas nem raiva teve. Estava feliz. Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! que beleza! Na cidade, negro também mandava!

Luandi passou o resto da noite na cela da delegacia. Chegando lá, o soldado negro chamou outro soldado. Veio um branco. Ele mandou que o branco guardasse Luandi na cela. Só trancasse o preso, não fizesse nada... Luandi conclui que o soldado negro era mesmo importante. Era ele quem mandava. No outro dia foi colocado diante de um branco que estava assentado atrás de uma mesa e que lhe fez muitas perguntas. De onde ele viera? O que fazia antes? Quem eram seus pais? Se sabia ler e escrever? Em que gostaria de trabalhar? Luandi respondeu que não tinha escolhas. Trabalharia em qualquer coi-

Scanned by CamScanner

sa. E foi com surpresa e sem entender até, que ele escutou o delegado dizer:

– Senhor Luandi José Vicêncio, o senhor está empregado! Empregado aqui na delegacia!

– Empregado? Como? Fazê o quê? Vesti farda, sê soldado?

O delegado, o soldado negro e o outro branco riram, gargalharam. Quando fizeram silêncio, foi o soldado negro que se aproximou, dizendo-se chamar Nestor e que, se Luandi quisesse, ele estaria empregado. Era para varrer, limpar, cuidar do asseio da delegacia. E como ele não sabia ler nem assinar, não poderia ser soldado. Mas, se ele estudasse muito, poderia ser soldado um dia. Poderia ser mais, muito mais. Entretanto, Luandi só queria ser soldado. Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos.

Scanned by CamScanner

No primeiro dia de trabalho de Luandi José Vicêncio na delegacia, chegou um molecote acusado de roubo. Era um rapaz meio amulatado de olhos claros que tinha sido pilhado rondando o armazém dos espanhóis, que ficava bem perto da delegacia. O molecote jurava por tudo que não pretendia roubar nada. Jurava pela vida da mãe e pelas chagas de Cristo. O delegado gritava com ele. Soldado Nestor, parado, calmo, impassível, de vez em quando alisava o cabo do porrete. O delegado terminou a preleção dizendo ao rapazinho que, se dependesse dele, cortaria as mãos de todos os ladrões. Entretanto, mandou que o Soldado Nestor soltasse o menino.

Ao ouvir o discurso do delegado sobre mandar cortar as mãos, Luandi voltou ao tempo de infância. Viu diante de si a figura do avô com o braço cotoco escondido, rindo-chorando-falando sozinho. Pela primeira vez pensou nele com carinho. O pai não gostava de Vô Vicêncio. Dizia mesmo que ele era doido, assassino. Tinha matado a mulher e quase se matara depois, se não fosse acudido a tempo. Luandi sabia também que o avô fizera tudo aquilo em um momento de desespero. Não queria ser mais escravo. E só não matou o pai de Luandi, que na época era menino, porque ele conseguiu fugir em busca de socorro. Vô Vicêncio queria morte. Se não podia viver, era melhor morrer de vez. O pai de Luandi guardou a imagem da cena de sua mãe ensangüentada, morta. E guar-

Scanned by CamScanner

dou durante toda a vida um ódio em relação ao pai, mesmo reconhecendo que ele enlouquecera.

Luandi pensou na figura de Vô Vicêncio, mas, aliviado estava, pois acreditava que o tempo da escravidão já tinha passado. Existia sofrimento só na roça. Na cidade todos eram iguais. Havia até negros soldados!

Luandi José Vicêncio gostava de trabalhar na delegacia. O momento de que ele mais gostava era quando chegavam os presos. Alguns chegavam assustados, acuados. Outros vinham com as feições carregadas de ódio. Ele ficava encarando um por um na tentativa de descobrir quem era culpado e quem era inocente. Tinha a impressão, às vezes, de que todos eram inocentes, mas ao mesmo tempo culpados. Seu coração doía um pouco. Sentia-se também preso em cada um deles.

Luandi havia colocado um grande desejo no peito. Ia aprender a ler para um dia ser soldado. Lembrou-se da missão que passara por uns tempos na sua terra. Foi naquela época que sua irmã Ponciá tinha aprendido a ler. Ele já acompanhava o pai nos trabalhos de roça. E a sua irmã? Já varara os quatro cantos da cidade, olhava as moças negras, procurando um rosto que fosse o dela. A irmã sabia ler, como estava sendo a vida dela? Ponciá trabalhava tão bem o barro. Tinha os dedos espertos, fazedores de coisas bonitas, mais do que os da mãe. E a mãe? Devia estar na roça trabalhando o barro. Agora ela mesma tendo de ir e vir à fazenda, à terra dos brancos, falando pelo caminho com os negros. Sim, a mãe, na certa, estava com saudades deles, mas estava bem. O dia em que aprendesse a ler, o dia em que fosse soldado, voltaria à Vila Vicêncio e buscaria a mãe. E os dois juntos encontrariam a irmã. Onde estaria Ponciá? Será que a herança já estava se cumprindo?

Scanned by CamScanner

Na primeira manhã em que Ponciá Vicêncio amanheceu novamente no emprego depois do retorno à terra natal, levantou-se com uma coceira insistente entre os dedos das mãos. Coçou tanto até sangrar. Cuidou dos afazeres da casa da patroa, mas a toda hora interrompia o trabalho e levava as mãos debaixo d'água para ver se aliava o incômodo. Ela nunca tivera nada de pele. Ao nascer, o primeiro banho tinha sido em sangue de tatu, o que deixou Ponciá imunizada para qualquer mau nesse sentido. Então, por que agora, quando já grande, o surgimento daquele incômodo que coçava tanto entre os dedos? Ponciá Vicêncio cheirou a mão e sentiu o cheiro de barro.

Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus. Voltara à terra na esperança de encontrar qualquer vestígio da mãe e do irmão e apenas confirmara o sumiço dos dois. O que fazer agora? Perdera o elo com os vivos e com os mortos seus. O que valia agora o barraco? Quem ela levaria ali para dentro? Que pessoas vivas ou mortas? Correu lá no fundo da casa, no seu quarto de empregada, e tirou o homem-barro de dentro da trouxa. Cheirou o trabalho, era o mesmo odor da mão. Ah! Então, era isso! Era o Vô Vicêncio que tinha deixado aquele cheiro. Era de Vô

Scanned by CamScanner

Vicêncio aquele odor de barro! O homem chorava e ria. Ela beijou respeitosamente a estátua sentindo uma palpável saudade do barro. Ficou por uns instantes trabalhando uma massa imaginária nas mãos. Ouviu murmúrios, lamentos e risos... Era Vô Vicêncio. Apurou os ouvidos e respirou fundo. Não, ela não tinha perdido o contato com os mortos. E era sinal de que encontraria a mãe e o irmão vivos.

Scanned by CamScanner

A mãe de Ponciá Vicêncio pensava nos filhos, mas relutava em tomar o rumo da cidade. A cidade era para os novos, para os que agüentavam qualquer aventura. Os cabelos dela embranqueceram da noite para o dia, embora conservasse o rosto jovem. Ela trazia o coração dolorido. Era como se tivesse dentro do peito um grande pote de barro, no qual armazenasse todas as pessoas queridas, e esta vasilha um dia tivesse quebrado, partido. A mulher sofrera muito com a ida da filha, depois com a do filho. Antes, havia vivido o pesar da passagem de seu homem, naquela tarde clara e ensolarada. E foi acumulando idas, partidas, ausências. Às vezes, vinha um desespero tal, que ela pensava, então, em abreviar a sua hora. Sentia-se tão só, tão vazia que poderia ir buscar o barro lá no fundo do rio... Sozinha, entretanto, se recuperava. Ela acreditava que a vida tem o tempo certo, assim como o fruto tem o momento exato para ser colhido. Sabia que a sua vida não era ainda um fruto amadurecido. Seus dias não estavam prontos, não era tempo de se colher. E, então, se tivesse de padecer, que experimentasse as dores. Se tivesse de ser só, que sozinha fosse. Se tivesse de se abraçar com os seus próprios braços, ela mesma criaria o seu próprio anelo, e se auto-abraçaria, até que reencontrasse os filhos e os abraços deles abraçassem os abraços dela.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio deveria estar muito bonita. Já havia passado tanto tempo que a filha e o filho haviam saído para a cidade e desde então, ela também nunca mais parara. Quando a filha se foi, ela se sentiu meio aleijada. Foi como se tivesse perdido uma parte de seu corpo. A menina era a sua filha mulher. Falavam, trabalhavam e cantavam juntas. Já bem pequena, ela entendia o barro e ia ao rio buscar a massa. Sabia qual era a melhor, qual a mais macia, a mais obediente. Reconhecia aquela que aceitava de bom grado o comando das mãos, traduzindo em formas os desejos de quem cria. Ela conhecia de olhos fechados a matéria do rio. E quem visse, como ela mesma viu, quando a menina começou a andar de mão fechada para trás, como se tivesse ficado com o braço cotoco do avô, não pensaria nunca que justo aquela mão, arremedo perfeito do velho, seria a que mais daria forma à massa, seria a que mais criaria.

Scanned by CamScanner

Luandi José Vicêncio queria ser soldado. Queria ser o Soldado Nestor. Ficar bonito como ele dentro da farda. Falar bonito como ele. Ter a voz de mando como a dele. Soldado Nestor gostava de Luandi, gostava da simplicidade, da ingenuidade do rapaz. Tinha vontade, às vezes, de chamá-lo de irmão, mas quando estava perto do outro soldado, o branco, ou do delegado, mantinha distância. Sabia da história da irmã de Luandi. Indagara até a algumas pessoas, se nunca ninguém ouvira falar de uma moça chamada Ponciá Vicêncio e chegou a ir até à zona procurar por ela. Um dia levou Luandi, mas não falou qual era a sua principal razão, o moço poderia se zangar diante daquela suspeita. Foram apenas procurar mulher e lá havia tantas. Quem sabe, uma daquelas não seria a irmã do moço? Afinal, tantas eram as que chegavam da roça e acabavam ali.

Soldado Nestor, quando podia, quando o delegado e o soldado branco não estavam de plantão, sozinho, ensinava Luandi a assinar o nome. Ficava preocupado com o moço, ele queria, porque queria ser soldado.

Luandi dormia na delegacia. Tinha feito dali a sua casa. Um dia veio o desejo de voltar ao povoado. Pediu ao Soldado Nestor. Soldado Nestor pediu ao delegado. Tudo certo. O moço merecia. Trabalhava tanto. Era tão humilde e zeloso. Podia ir descansar um pouco. Luandi beijou a mão do Soldado Nestor, mas queria fazer um

Scanned by CamScanner

outro pedido. Soldado Nestor não tinha uma farda velha para dar para ele? Queria chegar ao povoado feito gente importante, feito gente de mando!... Soldado Nestor não viu nisso nenhum perigo. Só que o outro soldado, o branco, não podia saber, porque senão o delegado saberia também. Tinha, sim, uma farda velha, surrada, lá no armário. Mas não lhe poderia dar a arma e nem o porrete. Ele podia ir de soldado, mas de mãos vazias.

De manhã Luandi José Vicêncio vestiu a farda surrada, que ele mesmo lavara e passara e, com o coração aos pulos, se encaminhou para a estação. As botinas pretas, que ele trouxera nos pés quando chegou à cidade, engraxadas brilhavam com se fossem novas. O calçado apertava seus pés, mas ele empinava o corpo consertando o andar. Um soldado não manca, marcha. Buscava a elegância de Soldado Nestor. Sentia-se bonito como o outro. No povoado todo mundo havia de olhar para ele. As moças de lá, todas, haveriam de querê-lo como namorado. A mãe ficaria orgulhosa. Iria com ele na terra dos brancos para mostrar como ele, negro, na cidade mandava também.

No trem quase vazio, as poucas pessoas que ali estavam olhavam para Luandi da cabeça aos pés. O moço ia feliz. Sentia-se importante. Por enquanto não era soldado ainda, estava apenas ensaiando, mas um dia chegaria em que ele haveria de ser um soldado verdadeiro. Desses que prendem e batem. Desses que vão à guerra. Podia tanto haver uma guerra... Uma guerra dos pretos contra os brancos? Uma guerra dos ricos contra os pobres? Ah, não!... Essas guerras não! Ele queria bater, prender... Se tivesse uma guerra dessas, de que lado ficaria?

Scanned by CamScanner

Ah! Só se fosse uma guerra dos bons contra os maus! Assim dava certo. Ele ficaria do lado dos bons, bateria nos maus, prenderia os perversos.

Luandi ia se empolgando tanto com esses pensamentos que, ao imaginar a possibilidade de mando, de luta, de guerra, quando deu por si, estava de pé. Correu o olho meio desconfiado nos companheiros de viagem e viu que uma mocinha lá trás sorria para ele. Correspondeu ao sorriso sem prestar maior atenção. A invenção da luta incendiava a sua cabeça. De repente, caiu em si desapontado. Soldado de delegacia não luta em guerra. É só soldado de quartel. Luta ou não luta? Acho que luta! Acho que não! Tinha de perguntar isso ao Soldado Nestor, assim que voltasse, sem demora!

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio, desde que voltara do povoado, mesmo não tendo encontrado a mãe e o irmão, começou a construir a certeza de que os dois estavam vivos. Encontrariam-se em algum lugar, talvez estivessem até perto dela, esperando que chegasse o tempo de tudo acontecer, para serem novamente os três. Ela não poderia desistir. Era preciso viver.

A mão continuava coçando e sangrando entre os dedos. Nesses momentos ela sentia uma saudade imensa de trabalhar com o barro. Havia dias, também, que o vazio que lhe enchia a cabeça vinha por duas ou três vezes. Se estivesse de pé, agarrava com força na beira da pia ou do tanque e esperava a sensação passar. Nem sempre passava rápido. Tinha muito medo de que a patroa visse. Sentia-se bem em trabalhar ali e, além do mais, estava gostando de um homem que trabalhava na construção ao lado.

Scanned by CamScanner

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau-a-pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças que até bem grandinhas andavam nuas. Entretanto, assim que as meninas cresciam um pouco, as mães providenciavam panos para taparlhes o sexo e os seios. Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavôs sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela

Scanned by CamScanner

talvez, e desesperançado de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver para quê? No barraco ao lado, vivia Sá Ita com seus cinco filhos. O maior, com 7 anos, vivia sempre resfriado, tossindo. O médico falara que era mal de pulmão. Ela não quis, entretanto, internar o menino. Achava que ele ia morrer mesmo e que morresse então perto dela. Em frente morava Durvalina com os seus sete. Um dia, altas horas da noite, o mais novo, de 4 meses, chorava, chorava. O pai, num excesso de raiva, bêbado, talvez, pegou o bebê e atirou pela janela. Ali próximo, morava o Zé Moreira, que trabalhava na cozinha de um restaurante. Todos os dias ele trazia sobra de comida para casa. Um dia ou outro, trazia um pedaço de carne melhor, uma lata de óleo, um pacote de manteiga. A mulher sabia que ele estava arriscando, mas tudo chegava tão na hora, quando ela não estava precisando, sempre havia algum vizinho. O chefe da cozinha já estava desconfiado e avisou ao patrão. Um dia, quando Zé Moreira ia saindo, pediram para ver a sacola dele. Não tinha sobra de comida apenas, tinha também uma lata de óleo e dois pacotes de manteiga. Zé Moreira foi levado à polícia para o caso servir de exemplo para os outros. Era isso que acontecia com empregado ladrão. Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois assim se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim,

Scanned by CamScanner

ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.

Scanned by CamScanner

A mãe de Ponciá Vicêncio há anos vinha andando de povoado a povoado. E nessas andanças, em cada lugar que passava, encontrava trabalhos de barro feitos por ela e pela filha. O tempo passara, vida também e ela, sempre no fazer, nem percebera o tanto que havia criado. Só depois, calma, longe de tudo, podia admirar o que tinha feito. Em toda casa, em toda fazenda tinha uma criação dela ou da filha. Ela reconhecia perfeitamente qual era a sua obra e qual era a de Ponciá. Tinha a impressão de que a filha não trabalhava sozinha, algum dom misterioso guiava as mão da menina. Andar de um lugar a outro foi a maneira da mãe de Ponciá aliviar a angústia do tempo de espera. Ela alimentava a certeza de que encontraria os filhos um dia, porém não podia parar. Era preciso andar sempre. O tempo de espera, se feito quieto e mudo, é pior, pois se torna demoradamente mais longo ainda. Em suas peregrinações, trabalhava em tudo que era preciso, menos o barro. Nunca mais tocou na massa, mas continuava cantando muito, como no tempo em que as duas entoavam juntas as canções. Cantava as cantigas de sua infância, aquelas que tinha aprendido dos mais velhos, no tempo em que era criança. Cantava as que tinha aprendido com a mãe e que tinha oferecido depois, mais tarde, à filha. E nessas canções havia muitas que eram dialogadas e quando chegava na parte em que entraria a voz da filha, a mãe de Ponciá se calava.

Scanned by CamScanner

Fazia silêncio para escutar lá do fundo de sua memória a voz-menina que, mesmo tendo crescido, mesmo estando distante, se presentificava cantando em suas lembranças.

Scanned by CamScanner

Luandi, ao longo da viagem, foi vencido pelo sono. Nas primeiras horas conseguiu se manter alerta. Poderia acontecer qualquer coisa no trem (nunca acontecia, a não ser problema na linha). Se houvesse briga, bagunça ou roubo, ele se apresentaria para trazer a ordem. Entraria como soldado, como voz de mando. O trem ia lento, cheio de preguiça, sem vontade alguma de chegar. E, aos poucos, na medida em que a tarde virava noite, o soldado sonolento desapercebia-se das suas funções de zelar por uma paz, que sempre existia. O sacolejo mole da máquina cheia de preguiça acabou por adormecer a atenção dele. A noite madurou madrugada, e só depois, muito depois da manhã-menina se ter maturado dia, foi que Luandi acordou desapontado, próximo da Vila Vicêncio. Tinha dormido quase que a viagem inteira. Desajeitado, limpou um fio de baba que lhe escorria pelo queixo. Olhou sorrateiramente para o fundo do trem procurando a moça que sorrira para ele. Percebeu que ela não estava mais lá. Deveria ter descido em alguma estação qualquer pelo caminho.

Os pés de Luandi latejavam dentro da bota apertada. Teria de andar muito para chegar a sua casa. Passaria pelas fazendas, terras dos brancos, atravessaria as terras dos negros e venceria mais chão ainda, e só depois então é que chegaria ao povoado. Um sol quente parecia querer derreter a terra. Assim que desceu do trem,

Scanned by CamScanner

deu alguns passos, sentou-se no chão e, com um gesto quase instintivo e raivoso, arrancou as botas. Os dedos, que estavam espremidos, massacrados uns em cima dos outros, se espalharam felizes. O soldado, descalço, respirou fundo e aliviado. Lentamente então, foi cortando de ponta a ponta toda terra que tinha pela frente. Os que passavam por ele sempre lhe saudavam com meias palavras levando a mão ao chapéu. Alguns lhes perguntavam pela mãe e pela irmã, dizendo que havia muito tempo que não viam as duas. Luandi foi ficando assustado. Que perguntassem por Ponciá, mas não pela mãe. Ele a tinha deixado ali, indo e vindo, às vezes, por aquelas terras. Como estaria ela, sumida então? Não estava saindo para vender, trocar ou dar os seus trabalhos? A mãe estava há tanto tempo sozinha! Porém, o que o moço mais estranhou foi que ninguém reparou na sua roupa de soldado, ninguém lhe disse que ele estava feito gente de mando.

Luandi andava a passos largos pelo caminho de casa. Sentia um prazer intenso por ter os pés no chão. Andava agora do jeito dele, esquecendo-se do modo de Soldado Nestor andar. Sentia muito calor sob a roupa de falso soldado. Desejou, ardente de saudade, o rio onde a mãe e a irmã colhiam o barro. Foi ali, também, de corpo nu, de noitinha, que banhando-se junto com a primeira namorada, colheu, ainda meio envergonhado de sua virilidade, seu inicial prazer.

Alguém muito recentemente cortara o mato, que na época das chuvas crescia e rodeava a casa da mãe de Ponciá Vicêncio e de Luandi. Havia também vestígios de que a terra fora revolvida, como se ali fosse plantar uma pequena roça. Luandi sorriu. A mãe devia estar bastante

Scanned by CamScanner

forte, pois ainda labutava a terra. Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar que os homens, lá na África, entoavam sempre quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. O pai de Luandi, no dia em que queria agradar à mulher, costumava entoar aquela cantiga ao se aproximar de casa. Luandi não entendia as palavras do canto, sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma cantiga alegre. Luandi, além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas da mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar.

Os últimos sons da voz cantante de Luandi ecoaram no espaço, sem que a mãe aparecesse na porta, como era de costume. O rapaz sentiu um aperto no peito. A casa estaria vazia? Como, se ali do lado de fora havia tanto sinal de vida. Empurrou a porta, que estava apenas encostada. Ah! a mãe, de certo, devia ter ido lá fora, no rio...

A ausência da mãe de Luandi, pouco a pouco, foi-se tornando certeza presente nos olhos e no coração do moço. No fogão apagado, nenhum resto de cinza. Uma cobra deixara sua casca ou secara por ali. O coador de café seco e puído pelo não uso confirmava a ausência dos vivos. A sua canequinha de barro, a de sua mãe, a de sua irmã e, ainda, a de seu pai estavam intactas. Onde estariam as duas? Lembrou-se do pai e do Vô Vicêncio.

Scanned by CamScanner

Sabia que os dois estavam por ali. Dos mortos ele sabia, dos mortos ele entendia e sentia a presença-ausência deles em tudo. O pior era a ausência dos vivos. Olhou para o canto do cômodo, do lado oposto do fogão, e viu o velho baú. Arrastou o banquinho de madeira até lá. Abriu devagar e respeitosamente o espaço guardador da memória do velho de Ponciá Vicêncio. Sabia que a mãe guardava a estátua do homem-barro ali dentro. Sabia também que a irmã, ao partir para a cidade, numa pressa que parecia fuga, tinha esquecido em casa o Vô Vicêncio. Tocou no fundo do baú tocando fundo em suas lembranças. Susto tomou. O homem-barro havia desaparecido.

Luandi veio recobrando-se lentamente do susto. Veio recobrando-se feliz. Ninguém mais pegaria o homem-barro a não ser Ponciá Vicêncio. Nem a mãe. Desde o dia em que a mãe mostrou ao pai a criação que a menina tinha feito e ele com um gesto calmo e indiferente devolveu o trabalho à filha, desde esse dia, só Ponciá, a própria autora, tocava em Vô Vicêncio. Ela que, de vez em quando, pegava o homem-barro entre as mãos e ficava entretida olhando para ele. Se a lembrança do avô não estava lá, era porque a irmã tinha voltado para recolher o que havia deixado para trás. Quem sabe tinha levado a mãe com ela? Mas ele observou também que a casa, entretanto, não apresentava qualquer vestígio de despedida. A mãe não podia estar longe, a porta estava apenas encostada. E ele soube, então, que um dia a mãe e a irmã voltariam.

Revisitando todos os sinais da casa, Luandi olhou à distância o outro cômodo onde o pai e a mãe dormiam.

Scanned by CamScanner

Nunca havia cruzado a soleira daquela porta. Se precisasse de um dos dois, chamava cá de fora. Quando o pai morreu, a irmã passou a dormir lá dentro com a mãe e aquela parte da casa continuou desconhecida para ele. Recordou-se de algumas conversas que tivera com o pai. Ele dizia que as mulheres pareciam estrelas. Eram bonitas, iluminavam a noite que existia no peito dos homens. Moravam em outras terras, tinham outros modos, outros sonhos.

A lembrança das duas voltou viva e dolorida dentro dele. Olhou mais uma vez o quarto onde dormiam. Esperou por alguns instantes crendo ainda que elas sairiam lá de dentro. E como isso não aconteceu, encaminhou-se em direção à saída, puxou a porta e se foi. Escutou a voz da mãe e de Ponciá, como de costume, abençoando a caminhada dele, quando ele se dirigia para a terra dos brancos.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua auto-ausência. Antes gostava de ler. Guardava várias revistas e jornais velhos. Lia e relia tudo. Época houve em que havia decorado notícias assim:

"Menino morre afogado na fossa"

O menino Jair dos Santos, de 3 anos e meio, caiu na fossa que existe no fundo de sua casa, na Favela do Rato Molhado. Foi retirado com vida por uma equipe de bombeiros chamada ao local, vindo a falecer no Hospital Pediátrico São João de Deus.

"Pedreiro mata a mulher com quinze facadas"

O pedreiro Antônio Gonçalves, enciumado porque a mulher conversava com o vizinho, chegou ontem em casa embriagado e desferiu quinze facadas contra a mulher, na presença de seus dois filhos de 5 e de 3 anos. A vítima morreu no local do crime.

"Mulher de deputado presa por atentado ao pudor"

A mulher do deputado Joaquim Santana, a senhora Neide Santana, foi presa juntamente com o colega de

Scanned by CamScanner

assembléia do marido, o deputado Marco Brilhantes, quando os dois, nus, trocavam carícias dentro do carro de Santana, no Parque das Aroeiras.

"Desvio de verba na Prefeitura"

O Prefeito Antônio Pires abriu inquérito administrativo para apurar desvio de verbas destinadas à reforma de vinte escolas públicas. Os culpados, segundo depoimento do Prefeito, que promete agir com severidade, além de serem exonerados a bem do serviço público, deverão devolver o dinheiro com juros aos cofres públicos. Os maiores suspeitos são dois assessores diretos de Antônio Pires, seu filho Armando Pires e seu cunhado Deoclédio Tavares.

Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo. De que valia ler? De que valia ter aprendido a ler? No tempo em que vivia na roça, pensava que, quando viesse para a cidade, a leitura lhe abriria meio mundo ou até o mundo inteiro. Agora nada lhe interessava mais nas notícias: o deputado podia morrer afogado na fossa, a mulher dele poderia dar trintas facadas nas costas do prefeito, o menino podia desviar verbas da prefeitura, o pedreiro podia ficar nu no carro trocando carícias com o outro deputado. O mundo podia virar de cabeça para baixo, que pouca diferença faria, que ela pouco se dava, que ela pouco se dava...

Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver. Às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre o seu rosto; outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios

Scanned by CamScanner

surgiam sorrisos e risos. A mãe e o irmão eram sempre matéria de sua memória. Tanto tempo já se tinha passado. Quando se encontrariam juntos os três? Parte de sua vida era o desejo de que isso acontecesse. Porém, nada fazia, a não ser ficar ali, calma, sentada, quase inerte. Era preciso esperar. E era isso que ela estava fazendo há anos. Fazia o que suas forças lhe permitiam. Só lhe era possível esperar.

Scanned by CamScanner

Luandi fazia apressadamente o caminho de volta e nem sabia por quê. Não adiantava correr. Teria de ficar uns quinze dias aguardando o trem. Passaria o tempo andando pelo povoado. Poderia ir até à fazenda do Coronel Vicêncio rever os companheiros de roça e, quem sabe, ter alguma noticia da mãe e da irmã. Estava com fome e não tinha nada para comer. Tinha algum dinheiro, mas, na terra dos negros, o alimento não era vendido. Quem que tivesse fome era só chegar à casa de alguém e pedir o que comer. Aquele tivesse repartia o pão e não aceitava nada em troca. Havia um enorme prazer em oferecer, em dividir o alimento com o outro. Dormia-se também em qualquer casa, o abrigo era uma dádiva para todos, contanto que o acolhido não se importasse com a pobreza de seu acolhedor. Por ali, então, aguardou o dia de voltar para a cidade. Revisantando os companheiros de roça, soube que a mãe estava viva. Ela tinha sido vista por alguns poucos e dizia sempre ter muitas saudades dos filhos.

Foi também nesses dias de espera que Luandi foi visitar a velha Nêngua Kainda e pedir a bênção dela. A mulher sempre velha, muito velha como o tempo, parecia uma miragem. Só os olhos denunciavam a força não pronunciada de seu existir. O som de sua boca era quase inaudível, enquanto seu olhar penetrante vazava todo e qualquer corpo que se apresentava diante dela. Nêngua

Scanned by CamScanner

Kainda, falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá Vicêncio também. A irmã estava na cidade, não muito longe dele. Carecia de encontrá-la urgente, acolhê-la antes que a herança se fizesse presente. Depois Nêngua Kainda olhou os trajes de Luandi e deu de rir, mas com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus.

Luandi não entendeu o riso, o deboche, as palavras da velha Nêngua Kainda. Ele sempre ouvia a velha, não só ele, mas todos do povoado também. Entretanto, Kainda que o perdoasse, com as suas bênçãos ou sem elas, ele estava decidido, haveria de ser soldado um dia.

Depois dos quinze dias passados, Luandi embarcou no trem de volta à cidade. Levava o coração menos aflito, apesar de que agora carecia de descobrir o paradeiro não só da irmã, mas também da mãe. Voltou em Nêngua Kainda, meio sem jeito e com medo de novas advertências da velha, deixou com ela o endereço de onde morava. Soldado Nestor, mesmo sem saber, estava com ele a qualquer momento. Foi entregue à velha um daqueles pedacinhos de papel que o Soldado Nestor metia no bolso de Luandi, receoso de que o rapaz se perdesse, todas as vezes que se afastava para fazer algum trabalho na rua. Luandi tinha dezenas dele, guardava todos. Soldado

Scanned by CamScanner

Nestor tinha uma letra bonita. Ele também haveria de ler e escrever um dia.

Na viagem de volta, seu desejo buscou a moça que, na ida, havia sorrido para ele no trem. Quando a noite caiu, uma estrela insistentemente marcava presença no céu. Lembrou-se novamente das palavras do pai. As mulheres pareciam estrelas. Eram bonitas. Enfeitavam a noite que existia no peito dos homens...

Scanned by CamScanner

O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. Impossível tanta lerdeza, tanta inanição em quem era tão ativa. Era verdade que, desde os primeiros tempos que a conhecera, ela, às vezes, já ficava assim, meio paradona. Parecia que ela fugia dela, mas quando retornava, chegava ativa como sempre. Agora não. As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio. Houve época em que ele bateu, esbofeteou, gritou... Às vezes, ela se levantava e ia arrumar a comida, outras vezes, não. Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. Foi ao pote, buscou uma caneca d'água e limpou arrependido e carinhoso o rosto da mulher. Ela não reagia, não manifestava qualquer sentimento de dor ou de raiva. E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. Falava somente por gesto e pelo olhar. E cada vez mais ela se

Scanned by CamScanner

ausentava. O homem se levantava cedo e já topava com ela sentada no banquinho olhando o tempo pela janela. Ele fazia o café, arrumava a própria marmita, deixando um pouco de comida para ela. Ponciá comia um tiquinho de nada, bebia muita água, porém. Fitava o homem, mas pouco se podia ler em seu olhar. Nem ódio nem carinho. Ele ficou com o remorso guardado no peito. A mulher devia estar doente, devia estar com algum encosto.

Scanned by CamScanner

Luandi, contemplando o céu da viagem de volta, com o olhar fixado na estrela que parecia indicar a rota do trem, pensava com saudades numa estrela que ele havia conhecido. Estava gostando tanto dela, mas não tinha coragem de dizer para ninguém, nem para Soldado Nestor. Conhecera a moça num daqueles passeios que os dois faziam sábado à noite, na rua da feira de mulheres. Bilisa, como ele e a imã, viera da roça para a cidade. Não era das redondezas dele. Viera com a idéia de trabalhar. Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar à casa dos pais para buscá-los e os irmãos. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. Bilisa se desesperou. Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. Só podia ter sido ele a tirar o dinheiro por brincadeira, para assustá-la talvez. A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Bilisa era tão limpa e parecia tão ardente. Bilisa não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa.

Scanned by CamScanner

Moça Bilisa se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíam mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Bilisa de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou. E, agora, novamente era chamada de puta pela patroa, só porque contou de repente que o rapaz dormia com ela. Tinha a impressão de que a patroa sabia. Não, ela não devia ter gostado era da história do dinheiro. Bilisa estava cansada. Tinha de começar tudo de novo. Não, não começaria mesmo! A cozinha, a arrumação da casa, o tanque, o ferro de passar roupa... Haveria de ganhar dinheiro mais rapidamente.

Quando Luandi conheceu Bilisa, já havia cinco anos ou mais que ela fazia vida na zona e não conseguira juntar ainda dinheiro algum. Ganhava muito, era famosa, mas gastava muito também. O dinheiro era repartido com a dona da casa e com Negro Glimério, que era protetor dela e de outras. Ela tinha por hábito também de não receber a paga em certas ocasiões. Se o homem que viesse procurá-la lhe desse algum prazer, fazendo com que ela esquecesse, por momentos, os limites de sua função, de apenas proporcionar o gozo ao outro, ou se ela simpatizasse com ele, se gostasse dele por algum motivo, Bilisa não cobrava. Achava que sentimento não tinha preço. E foi assim que ela começou a ser a estrela que enfeitava a noite que existia no coração de Luandi. Foi depois de um encontro de doce prazer, em que os dois, nus, antes mesmo de se tocarem, sem quê nem para quê começaram a falar de suas vidas. Quando perceberam, o

BIBLIOTECA NACIONAL
4146223

Scanned by CamScanner

tempo já havia avançado lá fora. Estavam horas e horas conversando. E os outros fregueses? Soldado Nestor já devia ter desgarrado de sua dama e ter ido embora. Quando Luandi puxou a nota que já estava dobrada dentro do bolso e entregou para a moça, ela não aceitou. Disse que tinha gostado tanto dele e que sentimento não tinha paga. Ele saiu calado e cheio de alegria, andou mais um pouco por ali retardando mais a sua saída da zona. Soldado Nestor já tinha ido. Sentiu um certo receio. Era a primeira vez que se encontrava sozinho na área. Andou rapidamente em direção à saída. No final do quarteirão topou com Negro Climério. Assustou-se. Negro Climério nem viu Luandi, assoviava distraído uma canção dentro da noite.

Scanned by CamScanner

O sonho de se tornar um dia soldado não estava adormecido em Luandi. Retornou de sua terra encabulado com as palavras de Nêngua Kainda, mas, quando ainda meio desajeitado entrou na delegacia e viu o Soldado Nestor, resolveu esquecer de vez a conversa, o riso e o deboche da velha. Agora sim, é que ele precisava ser soldado para ter o poder de achar a mãe e a irmã, para ter o poder de prender Negro Climério e tirar Bilisa da zona, para que ela enfeitasse a noite escura que ele trazia no peito.

Luandi queria ter uma conversa com Soldado Nestor. Queria contar que estava gostando de Bilisa. Afinal ele era tão amigo. Estava até lhe ensinando a ler. Será que Soldado Nestor falaria alguma coisa? Será que ele haveria de por reparo porque Biliza era mulher-dama?

Soldado Nestor não gostou da escolha de Luandi. Disse que o moço haveria de dar com os burros n'água. Para Soldado Nestor, mulher-dama não prestava. Não conseguia gostar de um só homem. Aliás, pensando bem, mulher-dama não gostava de homem algum. Só gostava daquilo que o homem tem entre as pernas e, mesmo assim, só se acompanhado de dinheiro. E como ele tinha não dinheiro, logo, logo, ela iria enjoar-se dele.

Luandi deixou que Soldado Nestor falasse. Deu graças a Deus, porém, quando o amigo, mudando de conversa, mandou que ele fosse buscar o lápis e o caderno

Scanned by CamScanner

para a lição do dia. Luandi estava aprendendo a grafar o nome. Já sabia escrever Luandi José, só faltava o Vicêncio.

Que pena! Soldado Nestor não gostava mesmo de Bilisa. Ele era muito sabido, conhecedor de tantas coisas, tinha leitura, tinha uma letra bonita, falava bonito também, mas numa coisa faltava conhecimento. Nesse assunto ele estava errado da cabeça aos pés. Ele não sabia que mulher-dama gostava muito também. Ela mesma, a Bilisa, desde o primeiro encontro, não quis aceitar o dinheiro. Se Soldado Nestor não sabia, não entendia, não acreditava, não era ele, Luandi, que ia conseguir enfiar alguma coisa na cabeça do amigo. Não falou mais nunca de Bilisa com ele. Resolveu deixar o tempo passar. E o dia em que, já soldado, tirasse Bilisa da zona, casasse com ela e com ela tivesse filhos, Soldado Nestor seria então Compadre Nestor. Era só esperar. Luandi estava feliz. Sentia-se mais aliviado diante da vida. Na noite escura que ele trazia no peito, havia uma estrela-maior, uma estrela-mulher chamada Bilisa.

Scanned by CamScanner

A delegacia onde Luandi José Vicêncio trabalhava recebeu uma reclamação de roubo, mais ou menos um mês depois que o moço tinha retornado de sua terra. Não muito longe dali, num salão de um clube, estava montada uma exposição de arte popular. Havia tido o roubo de algumas peças. O delegado foi até lá com o Soldado Nestor. Soldado Nestor gostou muito da mostra que viu. Era tudo de barro, fazendo com que ele se lembrasse do seu tempo de roça (Soldado Nestor também era da roça) e de Luandi. Com certeza, o rapaz gostaria de ver aquela exposição. Depois ele levaria o moço ali para apreciar todos aqueles trabalhos. E no dia de sua folga, Soldado Nestor resolveu fazer uma surpresa para Luandi. Em vez de tomar o rumo da zona de mulheres, passeio que faziam todo final de semana, encaminhou-se em direção ao clube. Só lá falou com ele do que iriam fazer ali. E quando Luandi ouviu sobre a exposição de trabalhos de barro que iria ver, a saudade da mãe e da irmã que estava guardada em seu peito pulou inesperada e tão violenta, que os olhos dele se molharam, fazendo com que ele os limpasse desajeitado, com medo de que o amigo percebesse.

Luandi, à medida que contemplava os objetos de seu passado presente, a vida da roça aflorava em suas lembranças. Viu a mãe e a irmã criando utilidades e enfeites a partir da massa da terra. Encantou-se com uma

Scanned by CamScanner

família de aves. A mãe-passarinho, os passarinhozinhos e o pai-passarinho. Gostou da harmonia da cena. Pediu ao amigo que lesse o cartão que acompanhava os trabalhos. Soldado Nestor assim leu:

"Autor desconhecido"
Região: Município do Engenho Cruzado
Proprietário: Coronel José Maria da Cruz.

E com o olhar inebriado com tudo o que via, Luandi se encontrava e se perdia em meio aos trabalhos da exposição. Mal podia caminhar adiante. Parava demoradamente o olhar em cada objeto, embora, aflito, necessitasse da próxima mesa. Foi quando, para o seu próprio susto e de Soldado Nestor, ele se apoderou carinhosamente de uma canequinha de barro e com a voz embarcada, quase em choro, gritava: "É minha, é minha". E, feito criança, bulia em tudo chamando pela mãe e por Ponciá, desconhecendo as recomendações sussurradas de Soldado Nestor, que lhe tomava os trabalhos tentando recompor a exposição. E, sem que Luandi pedisse, o amigo, também emocionado, pegou o cartãozinho branco que estava ao lado dos objetos e leu:

"Autores: Maria Vicêncio e filha Ponciá Vicêncio"
Região: Vila Vicêncio
Proprietário: Dr: Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio.

Luandi olhava os trabalhos da mãe e da irmã como se os visse pela primeira vez, embora se reconhecesse em cada um deles. Observava as minúcias de tudo. Havia os objetos de uso: panelas, potes, bilhas, jarros e os de enfeites, em tamanho menor, pequeníssimos. Pessoas, animais, utensílios de casa, tudo coisas de faz-de-conta, objetos de enfeitar, de brincar. Criações feitas, como se as

Scanned by CamScanner

duas quisessem miniaturar a vida, para que ela coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar.

E, não agüentando mais guardar as lágrimas, Luandi tomou do cartãozinho branco e reconheceu o nome das duas, quis levar a indicação consigo, mas recuou. Estava feliz também, porque na criação da mãe e da irmã estavam apontados os nomes delas como autoras. Na mesa anterior havia um trabalho tão bonito e o nome de seu criador era desconhecido. No caso de sua família, não. Desconhecido para ele era o dono. Dr. Aristeu Pena Forte Soares Vicêncio? Quem era aquele? Também eram tantos os brancos parentes e mandantes das terras do povoado. Todos donos. Alguns mais, outros menos, mas sempre tinham alguma coisa, ali na terra ou fora. Não sabia mesmo que Vicêncio era aquele.

Scanned by CamScanner

Maria Vicêncio sabia que, por mais que relutasse, um dia a cidade também faria parte de sua travessia. Não sentia desejo algum pela aventura da viagem. Se a sua vida era a da terra, em que ela vivia, o que faria agora longe de lá ? Entretanto, preparava-se para se afastar do lugar onde havia nascido. Da terra que guardava o seu umbigo, que ali fora enterrado, selando, pois, a filiação dela com o solo do povoado. Os filhos tinham ido, mas voltariam um dia, seriam chamados. No ventre da terra, pedaços do ventre deles também haviam sido enterrados. Maria Vicêncio repetira com os filhos o mesmo gesto antigo e benéfico que a mãe dela tinha feito com ela um dia.

E como quem cumprisse um rito preparatório para uma viagem maior, a mãe de Ponciá e de Luandi ia se afastando aos poucos de casa. A cada saída, retornava e quando partia novamente, aumentava a distância do ponto original, avançando um pouco mais na rota em busca dos filhos. O rito de ir e vir já havia sido cumprido algumas vezes. No primeiro retorno não obteve sinais de nada, mas, quando voltou pela segunda vez, colheu notícias da filha. Nêngua Kainda falou dela. Ao regressar pela terceira vez, a Velha Nêngua falou do filho e entregou o endereço que Luandi José Vicêncio tinha deixado. Ela pensou, então, que já estivesse pronta, entendeu que

Scanned by CamScanner

já era a hora de ir buscar os filhos, mas foi advertida que o tempo não havia desenhado ainda o encontro dos três.

Maria Vicêncio ouviu as palavras de Nêngua Kainda e concordou. Para que desafiar o tempo, aconselhava a Velha, com a sua voz sussurro, feita mais de silêncios falantes do que de sons. O humano não tem força para abreviar nada e, quando insiste, colhe o fruto verde, antes de amadurar. Tudo tem o seu tempo certo. Não vê a semente? A gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada debaixo da terra, até que um dia, no momento exato, independentemente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebenta a terra desabrochando o viver. Nada melhor que o fruto maduro, colhido e comido no tempo exato, certo. O encontro com os filhos também pertencia à vontade do tempo e não somente dela. O querer dela era o trato que ela fazia com a vida. Era uma teima regada de paciência, uma crença de que o melhor iria acontecer. Maria Vicêncio, mais uma vez, voltou a casa, grávida ainda de seus filhos, esperava o dia em que ela, mãe, iria renascer.

Scanned by CamScanner

O homem de Ponciá Vicêncio cutucou de mansinho o ombro dela e lhe acenou com a canequinha de café. Um cheiro bom invadiu o ar. Ela olhou para ele assustada, fazendo menção de se levantar. O homem impediu-a, tocando agora de leve o seu rosto. Ela teve um ligeiro tremor de medo. Ele iria bater-lhe novamente? Arregalou os olhos, curvou o corpo à espera de pancadas. Ele, com um carinho desajeitado, tentou levantar-lhe a cabeça, o que fez com que ela se curvasse mais ainda. Sentiu remorsos por já ter batido na mulher tantas vezes. Não, ela não ficava assim longe, assim lerda por preguiça. Estava doente, muito doente. Algum encosto bravo feito por alguém. Desviou o olhar e viu a marmita em cima do fogão, enrolada num pedaço de jornal, precisava descer para o trabalho. Pousou a canequinha na beirada da janela, provocando um ligeiro ruído, com esperança de que Ponciá pudesse entender o gesto dele. Nada. Condoído, ele não sabia o que fazer. Ponciá raramente comia. Quando ele chegava do trabalho, de tardinha, sempre encontrava a mulher sentada no banquinho, no mesmo lugar, perto da janela, olhando lá para fora. Às vezes, calma, com o olhar perdido, quase rindo, ora agitada como se estivesse tendo visões amargas. Estava na hora de ele sair, mas não queria deixá-la naquela posição de medo. Ficou parado esperando um pouco. Abaixou a canequinha de lata, levando-a até a narina da

Scanned by CamScanner

mulher. Ela teve um outro estremecimento e só quando sorveu profundamente o cheiro do café, levantou a cabeça olhando timidamente para ele. Pegou a caneca e levou-a aos lábios, reconhecendo, então, a boa intenção de seu homem.

Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto e tanto, a ponto de fazer sangrar-lhe a boca, depois condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele a agrediu e se tornou carinhoso com ela. Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas também o dele. Descobriu como eram sós. Percebeu que cada um tinha os seus mistérios. Sentiu que, apesar de estarem vivendo juntos anos e anos, como eram estranhos um para o outro. Descobriu que, apesar de já se terem encontrado tantas vezes no gostoso prazer do corpo, apesar de ela já ter guardado tantas vezes o caldo quente dele e este caldo se ter transformado sete vezes em vida, apesar de tudo, ela e ele eram desesperadamente sozinhos. Desde então, ao perceber a solidão da companheira e a sua própria, o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma ternura intensa por ela. Conseguiu, então, entender as falas dela. A saudade que ela dizia sentir do pai e do avô mortos, da mãe e do irmão desaparecidos. Ela, às vezes, dizia também que tinha saudade do barro e, de tempo em tempo, apresentava um incomôdo entre os dedos que coçava até sangrar. O homem de Ponciá Vicêncio, se não alcançava a vida outra da mulher, aceitava o que não entendia. E, quando, ainda, tinha ânsias de prazer sob o sexo erguido, afastava-se dela, pois há

Scanned by CamScanner

muito a mulher se havia abdicado de tudo. Pouco a pouco, mais e mais, Ponciá se adentrava num mundo só dela, onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma instransponível porta.

Scanned by CamScanner

A saudade que Luandi José Vicêncio trazia de sua mãe e de sua irmã aumentava dia a dia. Sentia-se também culpado por não conseguir localizar as duas. Nem o sucesso que estava tendo com a aprendizagem da leitura, nem Bilisa estavam conseguindo aliviar o peso que ele trazia no peito. Queria voltar ao povoado, mas tinha medo de não conseguir notícias e não queria ouvir novamente as palavras da velha Nêngua Kainda.

Soldado Nestor percebia a tristeza do moço. Chegou a pensar que ele não estivesse mais satisfeito com o trabalho. Luandi explicava ao amigo os motivos de estar com o coração tão carregado. Soldado Nestor ouvia e entendia, sabia por experiência própria o que era ser uma pessoa sozinha, ele também vivia longe de seu clã.

Naquele final de tarde, em que a tristeza não se desgarrava de Luandi, ele acabou por desistir da revista que folheava distraído, sem pôr tino na leitura. Entretanto, porém, dentro da noite escura de seu peito, brilhou a imagem de Bilisa, trazendo lembranças de paz e desejos de vida. Levantou-se, um pouco mais apaziguado, e se encaminhou em direção à zona. Se uma noite escura havia dentro de seu peito, nada melhor do que buscar a estrela que enfeitava a sua vida. Bilisa era a estrela maior. Como ele queria aquela dona! Dona Bilisa, dona-estrela, dona-vida... Ah! Ele estava se amofinando à toa, perdendo a coragem logo agora que estava perto de tudo ficar di-

Scanned by CamScanner

ferente. Ainda neste ano ia se tornar soldado. Ia ganhar mais e ser bem importante. Estava quase chegando o momento de poder comprar um barraco e tirar Bilisa-estrela da zona. Ela queria ir com ele. Estava gostando dele e, além do mais, estava cansada das explorações de Negro Climério e da cafetina. Biliza já era sua. Negro Climério sabia disso. Olhava para Luandi de maus modos, mas não o enfrentava, sabia que o moço trabalhava na delegacia. Soldado Nestor havia dito a Luandi que, ainda nos meados daquele ano, ele se tornaria soldado. O delegado estava cuidando de tudo. A papelada já estava chegando, era só ele ler e assinar. A possibilidade de realização desse sonho servia para desanuviar um pouco qualquer outro sofrimento dele. Estava perto, brevemente se vestiria com os trajes da importância. Era o que ele mais queria. A mãe e a irmã, quando fossem encontradas, aprovariam. Nêngua Kainda era uma mulher vivida e de palavras certas, mas, com ele, Nêngua se tinha enganado. Não havia nada de mais, ele haveria de ser um grande soldado.

Soldado Nestor continuava não gostando de Bilisa. Várias vezes dissera a Luandi que ele estava perdendo tempo, que a qualquer momento a mulher ia dar um chute na bunda dele, era só aparecer alguém com uma braguilha e com um bolso maior que o do Luandi. Luandi ouvia e não falava nada. O amigo tinha mesmo implicância com mulher-dama. Só que Bilisa era e não era mulher-dama; Bilisa, para ele, era simplesmente mulher-estrela-maior.

Luandi já havia falado com Bilisa que, assim que ele fosse soldado, arrumaria uma casa e, se ela quisesse,

Scanned by CamScanner

poderia ir com ele. E depois, então, ela deixaria vir e viriam os filhos que eles fariam. No dia em que ele falou para Bilisa que gostaria de tirá-la dali, caso ela quisesse, a moça não deu resposta alguma e nem mostrou sinal algum de satisfação. Mas, na outra semana, quando ele voltou, teve uma surpresa. Ela começou a abrir alguns embrulhos: eram panos para fazer lençóis, toalhas, fronhas, tudo o que fosse preciso. Tinha linhas coloridas, agulhas, enfeites. Ela queria preparar tudo, dizia que ia fazer um lindo enxoval entre a chegada e saída dos homens que vinham para visitá-la. Mas, em meio a tanta alegria, Bilisa-estrela revelou um temor. Havia uma pendência e ela não sabia como resolver. Negro Climério. O homem era um perigo.

Quando Luandi se apercebeu, estava chegando à rua da feira de mulheres.Quantas vezes ele já tinha ido ali. Havia tanto tempo que estava na cidade, anos esperando melhorar de vida, mas valera a pena. Custou, esforçou, sofreu. Aprendeu a ler, escrevia o próprio nome, e ia aprender muito mais. Soldado Nestor tinha sido um pai, um Deus, um irmão, um amigo. E para completar a sua alegria, ele tinha uma estrela certa, só dele, Bilisa, estrela-guia, abrilhantando qualquer noite de seus dias.

Ainda da esquina, Luandi avistou o sobrado onde Bilisa morava. Era uma casa grande, antiga, e com muitos quartos. Ali morava muita gente e sempre havia brigas. Um dia houve um princípio de incêndio. Algumas mulheres saíram nuas gritando pelo meio da rua. Mas não houve maiores danos. Outros moradores conseguiram apagar as chamas com baldes e latas d'água. Luandi estava no sobrado naquele dia. Estava tão distraído com

Scanned by CamScanner

Bilisa-estrela que, quando percebeu, tudo já se havia resolvido.

Ao se aproximar do casarão, Luandi cruzou com Negro Climério. O homem, ao avistá-lo, abaixou a cabeça e apressou o passo como se quisesse correr. Do casarão alguém chamava por Luandi com gestos aflitos, enquanto que, da janela de Bilisa, outros acenavam para ele e para Negro Climério. Luandi não entendia nada, mas pressentiu que alguma coisa estava acontecendo. Olhou para trás, Negro Climério já havia desaparecido. Devia ter corrido antes mesmo de dobrar a esquina. Luandi correu em direção oposta, alcançando a porta do casarão. Num segundo estava no quarto de Bilisa. E foi o momento exato, o tempo gasto para tomá-la nos braços e ver a sua Bilisa-estrela, toda ensangüentada, se apagando.

Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Bilisa-estrela. Matou a mulher! Matou a sua mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz. Não, não era verdade! Negro Climério era perigoso mesmo. Bilisa já havia dito, mas ele nunca acreditou que o homem tivesse a tamanha covardia de atentar contra ela. A noite que ele trazia no peito haveria de se tornar mais noite ainda.

Luandi José Vicêncio foi acordado do pesadelo por um toque no ombro. Levantou os olhos que estavam presos na mulher morta e viu Soldado Nestor, o irmão, o amigo. Soldado Nestor abraçou Luandi diante de todos, segredando em seu ouvido que já haviam prendido o

Scanned by CamScanner

homem. Luandi, abobado, perguntou qual homem. O amigo contemplou emocionado a dor do outro e respondeu alto que haviam prendido Climério. Ele pareceu não se importar com o fato. O que lhe importava naquele momento era que a sua Bilisa-estrela se tinha apagado.

Maria Vicêncio revolveu as cinzas no fogão mais uma vez para se certificar se as cinco brasas estavam acesas. Lá estavam, e uma maior, grande carvão incandescente, brilhava feito estrela. Havia uns três dias que a mãe de Ponciá tinha retornado à casa. Desde que os filhos partiram, estava sempre ali, porém nunca para ficar. Voltava para visitar a casa, espantar o vazio e sentir a presença dos mortos. Mais uma vez encontrou a casca vazia de uma cobra e cortou o mato lá fora. Enquanto fazia isso, despia-se da má vontade de enfrentar a cidade. Era preciso tomar o trem e ir de encontro aos filhos para trazê-los novamente à terra. Soubera esperar pacientemente vários e vários anos. Sofrera muito, era verdade, aprendera, entretanto, que era impossível ir à dianteira do tempo. Nesta vinda em casa passara em Nêngua Kainda. A mulher estava deitada numa esteira no terreiro. Jazia calma, de olhos fechados. A mãe de Ponciá e de Luandi ficou por instantes parada sentindo a velhice da outra. Ela era muito velha. Parecia congregar a velhice de todos os velhos do mundo. Maria Vicêncio experimentou um profundo pesar, pensou que a mulher tivesse morrido. Nêngua Kainda fez, então, um leve e vagaroso movimento com a mão, pedindo a Maria Vicêncio que se abaixasse. Ela obedeceu ao pedido. A velha abriu os olhos buscando os de Maria e, mais uma vez, viu e previu a vida dela. A voz, diluindo no tempo, soava quase como

Scanned by CamScanner

um sonho, um sussurro, mas Maria Vicêncio ainda pôde decifrar o que a velha Nêngua Kainda estava dizendo. Ela dizia que o tempo já permitia e abria os caminhos para que a mãe fosse encontrar os filhos. E como derradeira fala, Nêngua abençoou com a força de seus olhos, já fechados, mas que agora mais e mais viam, a viagem que Maria Vicêncio empreenderia para buscar os filhos. A mãe de Ponciá e de Luandi ainda esperou por alguns segundos que a velha esboçasse qualquer outro desejo de gesto. Entretanto, naquele momento, por um instante, o mundo inteiro pareceu se quedar. Nêngua Kainda adormecera. Um sol quente batia em sua pele negra enrugada pelas dobras dos séculos. Em silêncio, ela adentrava num sono tão profundo do qual só acordaria quando tivesse ultrapassado os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se presentificasse ainda mais velha e mais sábia, em um outro lugar qualquer.

Quando o trem, depois de intermináveis dias e noites, parou na estação, Maria Vicêncio esticou as pernas com dificuldade. Ficara todo tempo da viagem encolhida com a trouxa no colo, rezando suas orações. Sentiu a bexiga pesada, estava com vontade de urinar, mas o medo não permitira que ela se levantasse e fosse ao banheirinho do trem ou mesmos dos lugarejos em que a máquina parava. Assim que o trem parou, os mais novos, que se tinham levantado e andado pelos vagões durante a viagem, pularam aflitos. Pela janela do trem, ela buscou com o olhar alguém lá fora. Ninguém. Era preciso apear-se primeiramente de seu medo. Temia a cidade, mas tinha a certeza de que encontraria os filhos. Não sabia ler, mas sabia falar. Desceu, deu alguns passos, atordoada

Scanned by CamScanner

com a coragem que teria de fabricar. Ainda buscando alguém, olhou para o outro canto da estação e viu um soldado negro. Emocionada e desamparada caminhou em direção a ele. A vida inteira, na roça, ela só tinha visto negros trabalhando para brancos, sempre sob as ordens de um senhor que estivesse perto ou não.

O soldado negro contemplava de longe aquela mulher de andar temeroso, agarrada a uma pequena trouxa e que vinha na direção dele. Seu coração se alegrou, sem saber por que viveu a sensação de que, em todos seus anos de ofício, estava a esperar por ela. Não era a primeira vez que experimentava aquela sensação. Havia passageiros que, quando chegavam à cidade, era como se estivessem aportando no peito dele. No dia em que Luandi José Vicêncio chegou, ele já esperava por ele. Tinha sido num dia em que fora escalado para tirar serviço na estação, porque o outro soldado, o branco, se encontrava meio adoentado. E quando a mãe de Ponciá e de Luandi entregou ao soldado Nestor um papelzinho dobrado, quase rasgado pelo tempo e que ela cuidadosamente guardava enrolado num pedacinho de pano, entre os seios, ele sorriu reconhecendo a própria letra. Era como se previamente soubesse de tudo, pois tinha sido justo ele o autor daquela identificação que Luandi deixara um dia com Nêngua Kainda, para que a velha entregasse a sua mãe. Maria Vicêncio gostou daquele moço soldado que tinha idade para ser também seu filho.

Soldado Nestor pegou a trouxa da mulher, carinhosamente passou o braço pelos ombros dela e andaram até a delegacia. Estava feliz. Era como se ela fosse a sua

Scanned by CamScanner

mãe, que ele não via há tanto tempo. E como um filho que, ao reencontrar a mãe, sentia-se reencontrado, imaginava a alegria que Luandi iria viver.

Quando Soldado Nestor chegou com Maria Vicêncio na delegacia, a vida da mulher não cabia mais no peito, era como se o coração dela fosse explodir, não suportando a emoção de tão esperado encontro. Meu Deus, havia passado tanto tempo! Como estaria o filho? Lembrou-se dele ainda pequeno, sisudo e bom, feito o pai. Encontraria agora Ponciá Vicêncio e voltariam todos para casa. Luandi tinha trabalho certo na cidade, deixaria tudo e voltaria para a roça? E se o gosto dele pela vida fosse ser soldado, como o moço negro amigo dele?

Soldado Nestor, depois de adocicar um pouco de água e oferecer à mulher, temendo que o prazer do encontro explodisse o coração dela, se encaminhou para buscar Luandi. Encontrou o moço sentado na beira da cama com o rosto entre as mãos. Depois da morte de Bilisa, o rapaz não deixava o minúsculo espaço do quarto, a não ser para cumprir a tarefa de limpar a delegacia. Nos últimos tempos, ele só vivia alimentado pelo sabor do sofrimento. Chorava muito. O apagar de Bilisa-estrela aumentava o peso da ausência da mãe e da irmã. Alguns dias, depois de tudo, o delegado mandou chamá-lo e, perto de Soldado Nestor, falou do susto que o fato lhe causara. Nunca, em tantos anos de trabalho, ele havia cuidado de um crime tão brutal como aquele. E pediu ao rapaz que reagisse e que aprendesse que nem toda mulher trazia alegria. Que Luandi fosse a zona sim, afinal era homem e ainda por cima solteiro, mas que fizesse igual ao Soldado Nestor. Fosse lá, derramasse o que não

Scanned by CamScanner

se podia guardar e voltasse são e liso. Nada de gostar de mulher-dama. Ele dera até sorte, pois Negro Climério poderia ter feito o mesmo com ele também. E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos, eram como o Soldado Nestor e ele. Soldado Nestor olhou desconsertado para Luandi, que continuava calmo, parado, longe, como se o delegado não estivesse ouvindo. Só pensava em Bilisa-estrela, luz que tinha sido apagada violentamente de sua vida. E, naquele dia quando Maria Vicêncio surgiu diante do Soldado Nestor e ele feliz, brincando, chamou por Luandi, para que o rapaz fosse lá fora ver quem estava chegando preso, o coração de Luandi mudou a dor em ódio. Um gosto de sangue veio-lhe à boca. Pensou que se tratasse de Negro Climério. Mas o amigo já não havia dito, no dia mesmo do acontecimento, que o homem tinha sido preso? Foi preciso que o outro pegasse Luandi pelo braço e quase o arrastasse para fora. Ele caminhou obrigado e novamente alheio, sem interesse algum. Entretanto, do estado de alheamento em que caminhava, ao avistar a mãe, uma confusão de sentimentos e de imagens tomou conta dele. Luandi não conseguia distinguir se estava vivendo um sonho ou uma profunda realidade em que tudo se misturava. A mãe, Ponciá, Bilisa-estrela, a mulher que até pouco tempo enfeitava a noite escura que ele trazia no peito, Vó Vicência, pessoa que ele nem tinha conhecido e que tinha encontrado a morte pelas mãos de Vô Vicêncio. E ainda outras mulheres da família e do povoado, muitas que ele nunca vira e que apenas ouvira falar delas. Eram só mulheres que

Scanned by CamScanner

naquele momento se acercavam de Luandi. E, dentre elas, uma orientando os passos das demais. Uma era guia de todas, a velha Nêngua Kainda. E era ela que entregava Maria Vicêncio para ele. E acordando do torpor causado pela força da realidade-sonho, Luandi percebeu então que a mãe tinha chegado. Quando? Como ela havia conseguido chegar ali? Soldado Nestor sabia? E a irmã, Ponciá, o que havia acontecido com ela? Ah, a mãe também não sabia dela, a moça tinha sumido...

A mãe de Luandi, naqueles dias, caiu na vida dele como um lenitivo. A presença dela ajudava o filho a suportar a dor causada pela morte de Bilisa-estrela. Ele, triste, fazia tudo para que ela não percebesse , mas certas mães têm o olhar de lince. Maria Vicêncio sentia cada lágrima que Luandi deixava rolar para dentro dele mesmo.

Naqueles dias uma alegria tinha forçado passagem nos dias do moço. A papelada que faria dele soldado tinha chegado. Luandi recebeu os cumprimentos de Soldado Nestor, do outro soldado, o branco, do delegado e o abraço comovido da mãe. Tinha virado soldado. Ficou feliz. Agora era só pegar as economias que vinha ajuntando há anos e buscar a casinha que tinha sido sonhada para ser dele e de Bilisa-estrela. Precisava de um lugar urgente que pudesse abrigar a mãe, para depois, juntos, procurarem por Ponciá Vicêncio. A mãe falava com tanta certeza do encontro com a filha, que ele já estava mais tranqüilo. A irmã haveria de chegar um dia.

Scanned by CamScanner

Ponciá Vicêncio estava muito perturbada naqueles dias. Levantara-se do banquinho em que estivera sentada nos últimos anos, na beira da janela e dera de andar em círculos dentro do pequeno espaço do barraco. Falava muito sozinha, ora chorava, ora ria. Pedia barro, queria voltar ao rio.

O homem de Ponciá Vicêncio saía para o trabalho levando uma preocupação nova no peito. Tinha medo de que, quando chegasse em casa, a mulher tivesse saído. Os vizinhos lhe aconselhavam a colocá-la no hospício. Ele não queria, embora, muitas vezes, pensasse que ela estivesse mesmo doente. Sabia, porém, que Ponciá Vicêncio precisava apenas de viver os seus mistérios, cumprir o seu destino.

Um dia, depois de olhar para o homem como se não o visse, depois de tantos anos recolhida, enterrada morta-viva dentro de casa, Ponciá Vicêncio sorriu, gargalhou, chorou, dizendo que sabia o que devia fazer. Ia tomar o trem, voltar ao povoado, voltar ao rio. Dizendo isso apanhou debaixo do banco a estatueta do homem-barro. Pegou ainda uns panos e com um gesto antigo, com um modo rememorativo de sua mãe, perguntou se não havia folhas de bananeiras secas e palhas de milho para embrulhar o barro. Em seguida fez uma pequena trouxa e lentamente saiu.

Scanned by CamScanner

O homem seguiu Ponciá, cabisbaixo, aturdido. O que faria agora? Sabia que, se tentasse retê-la, seria pior. Acompanharia a mulher, iria atrás dela para ver se conseguia trazê-la de volta, embora soubesse que há muito tempo ela estava indo, indo, indo... Ponciá Vicêncio caminhava pelo morro abaixo. Seguia em direção ao rio.

Scanned by CamScanner

O primeiro local, fora da delegacia, onde o Soldado Luandi José Vicêncio tiraria serviço seria na estação. Quando o delegado lhe fez o comunicado, sentiu um certo prazer. Viveria aquele lugar, mas de um outro modo. Não era alguém que simplesmente chegava. Era alguém que estava. Era uma pessoa que se impunha. Vestiu o uniforme que recendia a novo e calçou as botinas. Os pés, os dedos já obedientes, acostumados ao calçado anterior, deslizaram macios. Ajeitou a arma na cintura, contemplando-se no espelho. Achou-se bonito. Lembrou-se de Nêngua Kainda. A mãe lhe havia dito que a velha já tinha ido. Sentiu um ligeiro arrepio. E saiu quase marchando para inaugurar a sua nova vida.

Na estação reinava calma. Não era época do trem chegar ou partir. Luandi sorriu orgulhoso para o funcionário que varria o local. Outro soldado negro, pensou o empregado da ferrovia. Aquele não era conhecido. Só conhecia o Soldado Nestor. Desejou se aproximar de Luandi e dizer boas-vindas ao irmão.

Para Luandi, na medida em que o seu maior desejo se estava realizando, os dias futuros seriam de um tempo bem-vindo, queria ele acreditar, apesar da dor, apesar da imagem da estrela apagada na noite triste de seu peito. Agora ele era um soldado. Tinha o poder de mandar. Tudo seria mais fácil, até para procurar a irmã. Fardado, com a roupa do poder, entraria em qualquer

Scanned by CamScanner

lugar, seria respeitado por todos. E quem soubesse de Ponciá Vicêncio, ah, quem soubesse de sua irmã, haveria de falar! Ah! haveria de falar! E entregue aos seus pensamentos, no labor de seus futuros mandos, antegozando o prazer que sentiria por ter suas ordens ouvidas e cumpridas, Luandi correu os olhos pelo espaço de exercício de seu poder. Precisava descobrir alguma coisa que necessitasse de sua energia, de sua fala. Precisava inaugurar a sua autoridade. Em que, nada ia acontecer? Seu olhar escorregava de um ponto a outro da pequena estação e eis que, de repente, capta a imagem de uma mulher que ia e vinha, num caminhar sem nexo, quase em círculo, no lado oposto em que ele se encontrava. E apesar de a estação ser pequena, a Luandi pareceu que uma distância de séculos se impunha entre ele e a mulher-miragem. Silhueta ao longe que demorava infinitamente a se concretizar diante dele. E sem conseguir dar um passo em direção ao que precisava alcançar, só a voz dele mexeu gritando um nome.

O nome de Ponciá Vicêncio ecoou na estação como um apito do trem e ela nem prestou atenção alguma ao chamado. Andava, chorava e ria, dizendo que queria voltar ao rio. Luandi acercou-se carinhoso da irmã, dizendo-lhe que sabia o caminho do rio e que haveria de levá-la. Ponciá Vicêncio levantou os olhos para ele, mas não se podia dizer se ela o havia reconhecido ou não. Abriu, porém, a trouxa, tirou o homem-barro e perguntou ao irmão se ele se lembrava de Vô Vicêncio. Ele, que até então, à custa de muito esforço, tinha o pranto preso, abraçou chorando a irmã.

E no seu primeiro dia de serviço, sem experimentar o gosto do mando, Soldado Luandi José Vicêncio, antes

Scanned by CamScanner

da hora terminada, deixou o posto de trabalho. Pegou a mão da irmã e foi com ela ao encontro da mãe. Boa hora, Maria Vicêncio andava muito aflita. O tempo pedia, era hora de encontrar a filha e levá-la novamente ao rio.

Scanned by CamScanner

O homem de Ponciá Vicêncio silenciosamente guardava distância de todos. A mãe, com os olhos fechados, revivia outras cenas: a menina, Vô Vicêncio, a passagem dele, a passagem de seu homem, a sapiência de Nêngua Kainda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora e por enquanto soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo. E neste ir e vir, Ponciá Vicêncio voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para as águas-mãe. A filha nunca lhe coube, nem no tempo em que estava prenhe dela. Maria Vicêncio se lembrou do primeiro sinal recebido de que a menina não era de sua pertença. Fez do acontecido um assunto calado, guardado só para si. Nem para o seu homem falou, só para Nêngua Kainda, aquela que de tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada. O aviso de que a menina estava apenas emprestada no seu ventre foi dado ali pelos sete meses. Uma manhã, Maria Vicência acordou ouvindo choro de criança. Apurou os ouvidos. E na atenção da escuta, o susto. O choro vinha de dentro dela. A criança chorava no interior de seu ventre. Alisou a barriga acarinhando a filha que ali cumpria o tempo de ser, sentiu movimentos e soluços. O que fazer? O que fazer? Como aliviar o choro de um rebento ainda guardado,

Scanned by CamScanner

mas tão suplicante, que parecia conhecer as dores infindas do mundo? Caminhou intuitivamente para o rio e à medida que adentrava nas águas, a dor experimentada pela filha se fazia ouvir de uma maneira mais calma. Ponciá Vicêncio chorou três dias seguidos na barriga da mãe. Quatro luas depois, nasceu gargalhando um riso miúdo, mas profundo, de criança bem pequena. Ponciá nunca soube de suas lágrimas vertidas e misturadas às águas placentárias de sua mãe. Maria Vicêncio sempre cuidou de guardar o segredo para o bem da menina, pois quem pranteia no ventre materno nunca há de saber.

Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espaço. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou, o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver.

Scanned by CamScanner

Luandi José Vicêncio olhava o rosto conturbado da irmã, que caminhava em círculos. Ela era bonita, muito bonita. Desde pequena trabalhava tão bem o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos. Um dia ele voltaria ao povoado e tentaria recolher alguns trabalhos dela e da mãe. Eram trabalhos que contavam partes de uma história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos de Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. E ele que queria tanto ser soldado, mandar, bater, prender, de repente descobria de que nada valia a realização de seus desejos, se fossem aqueles os sentidos de sua ação, de sua vida. Soldado Nestor era tão fraco e tão sem mando como ele. Apenas cumpria ordens, mesmo quando mandava, mesmo quando prendia. Foi preciso que a herança de Vô Vicêncio se realizasse, se cumprisse na irmã para que ele entendesse tudo. Só agora atinava também com o riso e as palavras de Nêngua Kainda. Ele, que levara tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela. Soldado Nestor, o irmão, não ia concordar com ele. Como explicar para o amigo o que ele

Scanned by CamScanner

acabava de descobrir? Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.

Ponciá Vicêncio, aquela que havia pranteado no ventre materno e que gargalhara nenéns sorrisos ao nascer, tinha risos nos lábios, enquanto todo o seu corpo estremecia num choro doloroso e confuso. Chorava, ria, resmungava. Desfiava fios retorcidos de uma longa história. Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o

Scanned by CamScanner

manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem contudo se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir.

E do tempo lembrado e esquecido de Ponciá Vicêncio, uma imagem se presentificava pela força mesma do peso de seu vestígio: Vô Vicêncio. Do peitoril da pequena janela, a estatueta do homem-barro enviesada olhava meio para fora, meio para dentro, também chorando, rindo e assistindo a tudo.

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio.

Scanned by CamScanner